

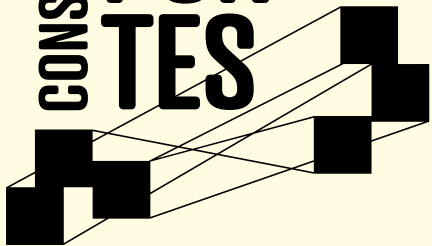


Catherine Paskell
Eliana Sousa Silva
Juliana Farias
Paul Heritage
Rafael Rocha
Raquel Tamaio
Tatiana Altberg

LIVRO 3

ESTUDOS NARRATIVOS: POESIA, MÚSICA E FOTOGRAFIA

**CONSTRUINDO
PON
TES**



COLEÇÃO

CONSTRUINDO PONTES

AUTORES

Eliana Sousa Silva

Paul Heritage

Miriam Krenzinger

Marcelo Santos Cruz

Leandro Valiati

Luiz Eduardo Soares

Stefan Priebe

Eduardo Ribeiro

Ana Carolina Robbe Mathias

Elza Sousa Silva

Giselle Moraes

Isabele Anjos

Jordana Farias

Juliana Farias

Karla Amado

Luna Arouca

Maïra Gabriel Anhorn

Maria Daiane de Araújo Alves

Natália Guindani

Raquel Tamaio

Rodrigo Nascimento

Taís Verônica Cardoso Vernaglia

Tatiana Altberg

Viviane Linares

ORGANIZADORES

Eliana Sousa Silva

Paul Heritage

Copyright©2021 dos autores

Direitos de edição reservados à People's Palace Projects do Brasil

Edição e Coordenação editorial

Fabiana Comparato

Produção editorial

Brenno Erick

Revisão

Elizete Munhoz

Projeto gráfico e capa

Patricia Façanha

Designers

Flávia Castro e Patricia Façanha

Imagem caixa

Obra de Laura Taves - Azulejaria para a fachada da Casa das Mulheres -
Maré 2017 / foto de Douglas Lopes

Foto capa

Christine Jones

Impressão

Gráfica Santa Marta

Esta publicação é fruto de uma parceria entre a People's Palace Projects e Redes da Maré, junto com a Queen Mary University of London, Departamentos de Serviço Social e Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, e o Núcleo de Estudos em Economia da Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, com o apoio do Economic and Social Research Council e Arts and Humanities Research Council, através do Global Challenges Research Fund.

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas de favelas e periferias que são atingidas no campo da saúde mental, muitas vezes, pelas violências que a falta de políticas públicas traz, especialmente no campo do direito à segurança pública.



APRESENTAÇÃO

O projeto **Construindo Pontes** tem uma abordagem analítica que se ancora nas Ciências Humanas, utilizando tradições investigativas em torno da Saúde, das Ciências Sociais e de práticas artísticas e culturais. Nesta perspectiva, a pesquisa que deu origem a esta publicação busca explorar formas integradas de produzir, compartilhar e divulgar conhecimentos sistematizados entre pesquisadores, acadêmicos, elaboradores e gestores de políticas públicas, ativistas, representantes de instituições comunitárias, moradores da Maré/RJ e a sociedade em geral.

O objetivo geral foi realizar uma pesquisa de relevância estatística e de excelência acadêmica e artística, que pudesse identificar os desafios e os recursos dos moradores do conjunto de favelas da Maré para o enfrentamento de problemas relacionados à saúde mental, decorrentes, em parte, do contexto de violências e violações de direitos pelo Estado, mas também pelas ações de grupos armados que atuam na região.

OS ESTUDOS ELABORADOS VISARAM:

(i) investigar como a exposição à violência e outros fatores de estresse impactam na saúde mental da população do conjunto das 16 favelas da Maré, com o objetivo de desenvolver estratégias que possam incidir em políticas públicas nesse campo.

(ii) identificar os desafios relacionados à saúde mental da população que faz uso prejudicial de álcool e substâncias psicoativas, além de verificar os recursos existentes e os que podem ser construídos, para apoiar a resiliência e a recuperação de quem precisa.

(iii) produzir narrativas que refletem sobre o impacto dos fatores sociais, culturais e territoriais nos aspectos de vulnerabilidade e resiliência, no que diz respeito ao bem-estar e à saúde mental dos moradores da Maré.

Esta coleção é, portanto, composta de quatro livros, que se desdobram da pesquisa interdisciplinar **Construindo Pontes***:

LIVRO 1 - ESTUDO COM MORADORES DAS 16 FAVELAS DA MARÉ

Com artigo da jornalista Flávia Oliveira, que conversou com os coordenadores gerais da pesquisa, Paul Heritage e Eliana Silva. Traz, ainda, os detalhes metodológicos e análises sobre o *Survey* domiciliar, assim como um texto sobre o campo da pesquisa e a ficha técnica completa do projeto.

LIVRO 2 - ESTUDO COM FREQUENTADORES DAS CENAS DE USO DE DROGAS NA MARÉ E ENTORNO

Com detalhamentos metodológicos e contextuais, além de análises sobre o levantamento de dados e informações com frequentadores das cenas de uso na Maré e entorno.

LIVRO 3 - ESTUDOS NARRATIVOS: POESIA, MÚSICA E FOTOGRAFIA

Com artigos e entrevistas sobre os projetos de pesquisa narrativas baseados em práticas artísticas com artistas e moradores do Complexo de favelas da Maré.

LIVRO 4 - MARÉ E A LONGA GESTAÇÃO DO NOVO MUNDO

Ensaio de Luiz Eduardo Soares.

* No site da pesquisa [<https://peoplespalaceprojects.org.uk/en/projects/building-the-barricades/>] estão disponíveis três estudos adicionais desenvolvidos durante a pandemia da COVID-19, e as revisões de literatura de cada equipe acadêmica participante do projeto, a saber: Ciências Sociais, Psiquiatria e Economia da Cultura.



LIVRO 3

ESTUDOS NARRATIVOS: POESIA, MÚSICA E FOTOGRAFIA

—

Eliana Sousa Silva

Catherine Paskell

Juliana Farias

Paul Heritage

Rafael Rocha

Raquel Tamaio

Tatiana Altberg

ÍNDICE

- 15 INTRODUÇÃO
Elíana Sousa Silva
Paul Heritage
- 22 DE BECOS, ENCRUZILHADAS E MARÉS
Juliana Farias
- 37 SAÚDE MENTAL EM CENA: UM DIÁLOGO ENTRE
CATHERINE PASKELL E PAUL HERITAGE
- 47 O SOM DA PESQUISA: UMA CONVERSA ENTRE RAFAEL
ROCHA E PAUL HERITAGE SOBRE UM DISCO VOADOR
- 59 A MARÉ DE CASA - IMAGENS DA QUARENTENA
Tatiana Altberg
Raquel Tamaio



INTRODUÇÃO

Eliana Sousa Silva

Paul Heritage

Os métodos quantitativos e qualitativos utilizados pela pesquisa **Construindo Pontes** ofereceram várias indicações de como a participação em atividades criativas, seja como artista, participante ou público em geral, pode ser considerada um fator significativo na construção de resiliência à saúde mental e transtornos por abuso de substâncias, a partir das experiências de moradores das 16 favelas da Maré. A pesquisa **Construindo Pontes** quis produzir, também, novas narrativas que refletissem as histórias complexas e em constante movimento de como as pessoas vivem com crises de saúde mental e transtornos por abuso de substâncias na região.

Por meio de práticas artísticas envolvendo música, poesia, fotografia e teatro, artistas e moradores da Maré foram convidados a participar desse estudo, contribuindo com a investigação a partir das suas vivências e histórias de vida. Os resultados interconectados que compõem esse processo, então, configuraram um rico estudo narrativo, trazendo à pesquisa vozes alternativas - o que diversificou e inovou na possibilidade de termos atores ativamente produzindo e compartilhando conhecimentos associados aos seus próprios entendimentos em relação à sua saúde mental e ao uso prejudicial de substâncias.

Três estudos narrativos haviam sido planejados para o último ano de **Construindo Pontes**: um projeto de coral, com frequentadores das cenas de uso de drogas da Maré, uma série de oficinas de *photovoice*¹ associadas às entrevistas qualitativas da pesquisa e um projeto de escrita criativa com jovens escritores da Maré.

Em março de 2020, a equipe da pesquisa **Construindo Pontes** havia acabado de concluir a pesquisa quantitativa com 1.411 entrevistados nas 16 favelas da Maré, quando o aumento de casos de pessoas contaminadas pelo

¹ *Photovoice* é um método qualitativo usado em pesquisas comunitárias participativas, baseadas na comunidade, para documentar e refletir uma realidade. O processo combina a fotografia com a ação social de base.

novo coronavírus no Brasil produziu uma série de medidas governamentais de isolamento social no município e no estado do Rio de Janeiro. Os planos para iniciar a pesquisa qualitativa foram adiados e as atividades artísticas foram suspensas até que pudéssemos compreender como ficaria a situação da pesquisa na pandemia. Foi preciso uma reavaliação sobre como aconteceriam as próximas fases. Ao mesmo tempo, a equipe reconheceu a importância de produzir dados sobre o impacto da pandemia, em função das novas circunstâncias vivenciadas e o que afetaria a saúde e o bem-estar dos moradores das favelas da Maré.

Com pessoas confinadas, em que pese as dificuldades de moradores de favelas de fazer isolamento social, privadas de liberdades pessoais e talvez sem propósito devido a mudanças na rotina e meios de subsistência,² a pesquisa indicou que a COVID-19, provavelmente, desencadeava sofrimento mental grave, como foi observado em outras pandemias.³ Os indivíduos afetados tendem a sentir frustração, tédio, mau humor e ansiedade.⁴

Os primeiros estudos sobre a COVID-19 desenvolvidos no mundo, em diversos contextos, identificaram estressores específicos, como falta de contato social, sobrecarga de informações das redes sociais, inexistência de espaço pessoal em casa, redução da autonomia e preocupação com o trabalho e a educação,⁵ que frequentemente levam a sintomas de ansiedade e depressão.⁶ O impacto econômico da pandemia, junto com as medidas de distanciamento social, trouxeram, ainda, muitas adversidades e riscos para a saúde mental.

² Bai Y et al. *Psychiatry Serv* 2004; 55: 1055-7.

³ Hawryluck L et al. e *Emerg Infect Dis* 2004; 10: 1206-12. *Lancet* 2020; 395: 912-20; Rio Jeong H et al *Epidemiol Health* 2016; 38: e2016048.

⁴ Brooks SK et al. *Lancet* 2020; 395: 912-20.

⁵ Wang G et al. *Lancet* 2020; 395: 945-947; Zhou X et al, *Telemed J E Saúde* 2020; 26: 4; Quem J e para o. *gene Psychiatr*; 33: e100213.

⁶ Brooks SK et al. *Lancet* 2020; 395: 912-20; Zhou X et al, *Telemed J E Saúde* 2020.

Três estudos foram propostos e implementados entre abril e dezembro de 2020. Miriam Krenzinger liderou uma pesquisa sobre as percepções e experiências da pandemia de COVID-19 nas 16 comunidades da Maré. Marcelo Santos Cruz conduziu um estudo sobre o impacto da doença na saúde mental de 50 residentes que participaram da pesquisa quantitativa original. Leandro Valiati supervisionou uma análise territorialmente específica do impacto econômico do financiamento emergencial das artes em resposta à pandemia. Todos os três estudos adicionais estão disponíveis no site da pesquisa em <https://peoplespalaceprojects.org.uk/en/projects/building-the-barricades/>.

As iniciativas baseadas em práticas artísticas que constituíam os estudos narrativos de **Construindo Pontes** foram abruptamente reduzidas e afetadas no período da pandemia. Planos para o programa de *photovoice* como parte da pesquisa qualitativa foram suspensos; as oficinas presenciais de escrita com poetas e músicos locais foram interrompidas e as atividades do coral com frequentadores e residentes temporários das cenas de uso de drogas na Maré foram canceladas, justamente no momento em que estavam prestes a fazer sua primeira apresentação pública nos jardins do Sítio Roberto Burle Marx.⁷ Organizados em parceria com o *Espaço Normal*,⁸ em setembro de 2019, os ensaios do coral foram um espaço de prática criativa no qual cantores, aqueles que tocam violão ou outros instrumentos, letristas e contadores de histórias surgiram para desafiar os estereótipos e preconceitos de quem frequenta as cenas de uso de drogas.

Os participantes chamaram seu coro de *Sons Normais*. No entanto, assim que entendemos que os encontros coletivos e cantar juntos representavam uma possibilidade de alto risco de contágio, suspendemos as

⁷ Disponível em <<http://sitioburleburle.org.br/>>

⁸ Para mais informações sobre o *Espaço Normal*, ver Livro 2 desta coleção e/ou acessar o site <https://www.redesdamare.org.br/br/info/14/espaco-normal>

atividades temporariamente.⁹ Durante os sete meses de atividades, de setembro de 2019 a março de 2020, em torno de 10% das 200 pessoas que frequentam as cenas de uso de drogas na Maré participaram, com assiduidade, das oficinas, coordenadas pelas equipes do *Espaço Normal* e da People's Palace Projects. Essa breve experiência produziu amplas evidências da capacidade da metodologia que desenvolvemos, de criar narrativas alternativas para a população. Textos escritos e ritmos musicais produzidos por membros do coral para explorar suas experiências de saúde mental foram eventualmente incorporados à dramaturgia de *Becos*, uma peça sonora criada por seis poetas da Maré durante uma fase subsequente ao que chamamos de estudo narrativo.

Tatiana Altberg, pesquisadora associada à pesquisa e responsável pelas oficinas de *photovoice*, desenvolveu uma proposta intitulada *A Maré de casa*, que produziu um registro único do impacto da pandemia do novo coronavírus na saúde mental e no bem-estar dos residentes da Maré durante os primeiros cinco meses de quarentena. *A Maré de casa* lançou uma chamada pública aos moradores da Maré para participarem da atividade *Da minha janela*, entre abril e setembro de 2020, produzindo fotografias e textos a partir do que viam das suas janelas. O material recolhido pela equipe era exposto no site www.amaredecasa.org.br e colocado para votação popular. A cada mês, era feita a escolha das melhores fotos, segundo o público votante. Além disso, durante o mesmo período, foi realizada outra iniciativa, denominada *Diários*. Esse trabalho foi realizado por um grupo composto por seis fotógrafos moradores de algumas das 16 favelas da Maré, a partir da criação de diários, usando os dispositivos da fotografia e da produção de textos. O material produzido foi, também, compartilhado no mesmo site do projeto *A Maré de casa*.

⁹ Em maio de 2021, as atividades do coral permanecem suspensas, mas os participantes originais continuaram a receber apoio da Redes da Maré e da People's Palace Projects e retomarão como atividades do Filhos Normais, quando as orientações de saúde pública permitirem.

Outro projeto que sofreu ajustes previa o desenvolvimento de oficinas de escrita, em parceria com Catherine Paskell, fundadora e associada criativa do Teatro Nacional do País de Gales e diretora artística da premiada companhia teatral *Dirty Protest*. O trabalho com Paskell aconteceria a partir de uma intensa semana de oficinas presenciais, em abril de 2020, com os poetas selecionados da vibrante cena poética existentes nas favelas Maré: Jonathan Panta, Matheus Araújo, Mc Martina, Rodrigo Maré, Thainá Iná e Thais Ayomide.


O cancelamento da visita de Paskell ao Rio de Janeiro pelas restrições impostas pela COVID-19 nos levou a realizar oficinas virtuais, em uma plataforma digital. Duas vezes por semana, Catherine Paskell e Paul Heritage se reuniram com os seis poetas para oficinas criativas de três horas de duração cada, do início de abril até o final de julho de 2020. Escrevendo e gravando poemas, histórias, letras de músicas, paisagens sonoras e vídeos de dança, o grupo explorou o papel da criatividade na construção de resiliência à crise de saúde mental em suas próprias vidas. O resultado dessas oficinas foi a criação de *Becos* - uma peça sonora em quatro episódios de 15 minutos, encenada pelos seis poetas e gravada pelo editor de som Rodrigo Campelo, em seu estúdio no Rio de Janeiro, em agosto de 2020. Ficou sob a responsabilidade de Heritage dirigir os poetas/atores ao vivo, enquanto Paskell acompanhava a gravação em Cardiff, no País de Gales, via Zoom. *Becos* está amplamente disponível em todas as plataformas digitais, bem como no *site* dedicado ao projeto e que inclui entrevistas com os artistas e informações gerais acerca do projeto. Para ver o resultado, não deixe de visitar o *site* www.becos.art.br

Fez também parte dessa equipe o percussionista brasileiro Rafael Rocha, que acompanhou as oficinas de escrita, criando uma paisagem sonora para a gravação de *Becos*, em parceria com Rodrigo Maré, um dos poetas integrantes da equipe de criação da peça sonora. Rocha criou ainda, posteriormente, uma nova narrativa para a pesquisa, por meio da produção de *Satélite*, um álbum musical de 11 faixas, no qual revisita e responde aos textos,

sons, imagens e ritmos produzidos pelos poetas e pelo coral de frequentadores das cenas de uso de drogas da Maré. O álbum está disponível em todas as plataformas digitais e no site <https://becos.art.br/album-satelite/>

O que segue são textos que se aprofundam nas questões, metodologias e resultados obtidos nos projetos artísticos brevemente apresentados acima e que constituem, em si, instrumentos de pesquisa que se somam à narrativa de **Construindo Pontes**.

Estamos muito felizes em poder desaguar tanta potência vinda das Marés!



DE BECOS, ENCRUZILHADAS E MARÉS

Juliana Farias

Sábado, dia de feira na Teixeira Ribeiro – rua que vai da beirada da Avenida Brasil, na altura da Passarela 9, até o fundão da Nova Holanda, uma das 16 favelas do Complexo da Maré, Rio de Janeiro, Brasil. Dali, da Teixeira, seis jovens poetas nos transportam para dentro do seu cotidiano: Mc Martina, Thainá Iná, Thais Ayomide, Jonathan Panta, Matheus Araújo e Rodrigo Maré. Apresentam-se com elogios trocados e reverências: crias da Maré e de favelas vizinhas; artistas, percussionistas, flamenguistas, aquelas e aqueles que sabem *o que é ser um corpo preto nessa década*; quem *é espalha vento*; quem tá com *o dread brilhando*; quem *vive e respira som*; quem *devora silêncios*; rai-nhas e reis do *Slam*, das *lives*, dos palcos, das lajes, dos livros; autoras e autores do *Manifesto do Agora*. Com sua autorização e na sua companhia, entramos em *Becos* – peça sonora difundida em formato de *podcast* – resultado de um processo criativo desenvolvido no âmbito da pesquisa **Building the Barricades / Construindo Pontes**, durante o ano de 2020, em plena pandemia da COVID-19.¹⁰

Despontando na narrativa como uma marcação geopolítica a partir da qual chegamos em *Becos*, a Rua Teixeira Ribeiro é apresentada como *coração e termômetro* – um órgão que bombeia energia vital, que faz pulsar, que imprime ritmo, exatamente como nos dias de baile que acontecem naquela mesma rua, quando é possível passar e sentir no corpo a reverberação das batidas de *funk* que emanam do paredão de caixas de som; mas também um termômetro que verifica a temperatura dos riscos locais quando a polícia entra na favela, afinal, se a Teixeira estiver deserta, é momento de atenção total, de muito cuidado para completar o trajeto a pé, se você estiver indo ou chegando do trabalho, enfim... Teixeira vazia é sinônimo de perigo iminente, de que

¹⁰ A elaboração desse texto teve como bases principais de informação e conteúdo os quatro episódios de *Becos*, disponíveis em <https://becos.art.br/>, bem como as entrevistas conduzidas por Pamela Carvalho com as/os seis poetas de *Becos*, disponíveis em <https://www.instagram.com/redesdamare/channel/?hl=pt-br>. Os termos que aparecem em itálico no texto correspondem às palavras do roteiro original da peça, bem como às falas proferidas durante tais entrevistas.

tem alguma coisa errada acontecendo, porque o certo é aquela rua sempre agitada, ainda mais nos dias de feira, como acompanhamos no início da peça.

Lotérica lotada; sacolão; loja de artigos religiosos; mercados; açougue; loja de 1,99; comida a quilo; pizzaria; farmácia; pastel do japonês; ponto de mototáxi; temperos; eletrônicos; coadores; farinhas; ervas; feijões; verduras; ciclista desviando; gente chegando; gente saindo; criança correndo; forró tocando; *funk* tocando; *gospel* tocando; vizinha louvando; água do café fervendo; sacolé pingando; pão na chapa; *muvuca*; *aquele entra e sai da Maré*. Em *Becos*, entramos na feira da Teixeira pelo texto e pelos barulhos – uma *polifonia de informações* que nos aproxima daquela *muvuca* e nos faz refletir sobre outras duas marcações geopolíticas imprescindíveis para aceitarmos, de vez, o convite da peça e mergulharmos naquela Maré: enxergar a Teixeira Ribeiro como um rio e como parte de uma encruzilhada.

Becos nos mostra a Teixeira como o Rio São Francisco, em referência orgulhosa às origens nordestinas de grande parte das famílias que migraram para a Maré e ali se estabeleceram. Metáfora rizomática, um rio abastece, alimenta, garante vida, ao mesmo tempo em que é passagem, desemboca em lugares distintos, transporta, permite deslocamentos. Já a ideia de encruzilhada, poderoso conceito para as religiões de matriz africana e para os projetos urbanísticos de qualquer cidade, evoca na peça saberes ancestrais capazes de guiar poetas-personagens em percursos que estão muito além do cruzamento da Teixeira com a Principal. Inerente a qualquer mapeamento urbano interessado em destacar avenidas, ruas e vielas, tal encruza preenche a narrativa com toda a complexidade que o termo comporta: encruzilhada em *Becos* é ponto de partida e de chegada, de onde tudo se vê e a partir de onde os caminhos se abrem, numa cartografia ético-político-espiritual, por meio da qual conhecemos histórias de personagens como Dona Drika, Carlos, Emanuel, Leleca e sua avó, Francisco, Martin e sua mãe.

Compondo uma ficção documental, na qual *um olhar é também encruzilhada*, esta peça, que é sonora, nos faz enxergar. Uma tecla *play* – o ingresso gratuito do espetáculo – dá acesso a muitos lugares, vistos de cima de uma laje: pedaços de bairro, conjuntos habitacionais, paisagens urbanas que possuem significados muito distintos para quem vive dentro e para quem vive fora da favela. Um novo beco que se abre, a divisa entre a Nova Holanda e a Baixa do Sapateiro, a cena de uso de *crack* na Rua Flavia Farnese e tudo o mais que a vista alcança de cima de uma laje na Maré.

Somadas, interligadas e generosamente compartilhadas com seu público, as memórias de seis poetas alimentam um roteiro marcado pelo que Pamela Carvalho¹¹ nomeou como *tecnologias que a favela teve que desenvolver para se manter durante a pandemia*. Ou como didaticamente enunciou Mc Martina: *Nós que é cria de favela temos que arranjar mecanismos, tecnologias e ações para conseguir reinventar nossa realidade*. Os desafios vividos durante a pandemia se sobrepõem aos desafios cotidianos enfrentados por quem mora em favelas e periferias brasileiras – e as estratégias para driblá-los aparecem de formas muito variadas ao longo da peça.

Desde o primeiro episódio, quando Thainá compra ervas para banho, defumador e velas de cores diferentes, a peça chama a atenção para o acionamento da proteção religiosa como recurso para estar firme diante de situações que vão se desenrolando ao longo da trama. *Sempre importante fazer aquela fé, né?* ou, como propõe o bloco carnavalesco da Maré *Se benze que dá*, que discute o direito de ir e vir. Saber nascer *peixinho e caminhar na fé até virar tubarão* é sabedoria compartilhada pelos moradores da Maré e comunicada alto e bom som, nesse *podcast*-espetáculo, mas também é tecnologia de sobrevivência carregada no corpo: *de pé, ainda com feridas, mas com fé; a vontade de viver nos levanta*.

¹¹ Pâmela Carvalho é educadora, historiadora, gestora cultural, comunicadora, pesquisadora, ativista das relações raciais e de gênero e dos direitos de populações de favelas. É mestra em Educação pela UFRJ e coordenadora na Redes de Desenvolvimento da Maré, a partir do eixo Arte, Cultura, Memórias e Identidades. É moradora do Parque União, no Conjunto de Favelas da Maré.

Este corpo que precisa estar de pé é a caixa acústica para os ecos dos seis poetas que conhecemos em *Becos*: a aliteração ritmada da Mc Martina se amplifica ao longo dos episódios, nos informando que *poeta oco não faz eco, que artistas têm camadas*, chamando a nossa atenção para as mensagens que cada poeta traz não apenas pelo conteúdo escrito de suas vivências, mas pelas memórias marcadas em seus próprios corpos. A sofisticação da narrativa elaborada na peça sonora nos permite conhecer o que não estamos vendo – os corpos, tanto do elenco quanto das personagens, se fazem presentes na história. Se *viver o corpo na sua amplitude* é um dos caminhos indicados por Thais Ayomide em suas pesquisas individuais, entendemos que tal experiência é compartilhada na construção do *podcast* pela *busca por um passado que se presentifica no corpo*. A *resposta do corpo preto a este Estado é uma resposta de resistir, de refazer*, nos ensina Thais.

Resistir, refazendo – talvez seja o principal recurso acionado durante a criação de *Becos* e explicitado em sua passagem mais dura: a morte de Emanuel. A decisão por trazer uma execução sumária na história corresponde à escolha de refazer uma cena que nunca deveria ter acontecido, mas que faz parte do cotidiano na favela. Construir, por meio da dramaturgia, uma cena que ninguém queria que tivesse acontecido é recriar uma denúncia urgente; é fazer a denúncia ecoar. A decisão de recontar uma morte na história é relocalar de pé cada um dos corpos que foram tombados pelo Estado no chão da favela da Maré e de tantas outras periferias brasileiras. Nomear a personagem e gritar presente é homenagear cada uma das vítimas da lógica racista de um Estado que enxerga todo o território da favela e seus habitantes como inimigos que precisam ser combatidos.

Não, meu filho não – o grito de Dona Drika anuncia a tragédia. Personagens e poetas erguem suas vozes, reeditando denúncias que não são inéditas, tampouco foram ouvidas pelas institucionalidades responsáveis: *Nossos nomes podem ser facilmente substituídos por um número qualquer... Emanuel se tornou um número...* lamenta Carlos, amigo da vítima de mais uma operação

policial na favela, que deixa corpos no chão. As ações estatais/estatísticas que transformam vidas em números seguem uma lógica racista e perversa que objetifica corpos negros e favelados – desumanização que também faz parte da denúncia reconstruída em *Becos*.

A sequência de questionamentos e as reflexões que são adicionadas à forma de reescrever uma execução também explicitam a tensão que *toma conta dos corpos favelados e os deixa atentos*, uma tensão permanente, que deixa suas marcas na musculatura dos corpos negros, como explica detalhadamente Frantz Fanon, ao refletir sobre violência no 1º capítulo do seu livro *Os condenados da Terra*.¹² Da mesma maneira que a força da teoria de Fanon vem das experiências vividas no corpo, na história que ecoa da Maré os corpos guiam as palavras – estejam eles com ou sem vida: *Como funciona a mente de uma mãe que viu seu filho ser arrastado por um camburão, que teve o corpo de seu filho retirado de casa e levado por policiais sem o seu consentimento pra dentro de um helicóptero? Uma mãe, ao saber que o corpo de seu filho despencou nove andares... Uma mãe que pega seu filho no colo, baleado e ouve ele falar: “Mãe, o blindado me deu um tiro...Ele não viu que eu estava de roupa de escola?”*

Na reconstrução de uma execução sumária, a figura de Dona Drika, mãe de Emanuel, rouba a cena – assim como fazem tantas e tantas mães que, a partir da morte do filho, passam a dedicar suas vidas à luta por justiça, à luta contra o genocídio do povo negro, à luta pela desmilitarização. Docudrama? Ficção? A personagem Drika, interpretada por Thais Ayomide, foi inspirada em inúmeras outras mães pretas da favela, dentre elas Bruna Silva, mãe de Marcus Vinicius, que aos 14 anos de idade foi executado pelas forças da Intervenção Federal no Rio de Janeiro, no ano de 2018.

12 FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Juiz de Fora/MG: Ed. UFJF, 2005.

Marcus Vinicius morava e estudava na Maré, estava cursando o 7º ano na Escola Estadual Vicente Mariano. Quando foi atingido pelos disparos dos policiais, seu sangue manchou a blusa do uniforme da escola e a mochila que ele carregava. A partir daquele dia, Bruna fez da blusa ensanguentada do filho uma bandeira de luta. A força daquela mãe se somou à luta histórica protagonizada por mulheres negras na busca por justiça para seus filhos – uma luta que, no Rio de Janeiro, se inicia com as Mães de Acari¹³ e vai se multiplicando, para resistir a essa violência até formar, em 2016, a Rede Nacional de Mães e Familiares de Vítimas do Terrorismo do Estado, que conta, atualmente, com mais de 20 coletivos formados por mães e familiares das cinco Regiões do País.

Por mais que a gente crie ficções, a nossa ficção não foge da realidade - reflete Thainá, que construiu junto com Thais a personagem Drika: Agente construiu nela essa heroína. Muitas mulheres pretas que são referência; uma costura muito densa; é aquilo que todo mundo sabe, mas as pessoas se negam a ver. Drika rouba a cena como uma heroína vestida com a força de todos os seus ancestrais; uma mulher guerreira, como se forjada pelo ferro de Ogum, que se apresenta como inimiga deste Estado que viola o direito à vida: Toda vez que uma criança preta morre, o meu útero dói. Você já sentiu essa dor? A dor de perder um filho? A dor de ter sua pele arrancada? A dor de não ter ar... de te arrancarem o útero. Você já sentiu essa dor?

Uma heroína que interpela o público justamente porque não finge que não sente dor: *Meu peito é tambor rasgado; minha coluna, por mais que seja alicerce, sente constantemente o frio de ter sido atingida pelas costas*. Uma dor que, mais uma vez, traz o corpo para a cena – esse corpo negro, marcado por violências históricas: *Eu sinto o peso de carregar o mundo nas costas; costas envergadas pelo peso da chibata*. Mas esse mesmo corpo foi coberto de coragem pelo

13 Em julho de 1990, oito jovens e três adultos moradores da favela de Acari e arredores foram sequestrados e assassinados, no episódio que passou a ser conhecido como *Chacina de Acari*. As mães das vítimas deram início às buscas pelos corpos, iniciando a caminhada das Mães de Acari.

Deus da Terra, então é capaz de se refazer: *Minhas mãos são ventania; meus pés pegam do chão toda a força para caminhar*. Como explica Thais, as mães desfazem e refazem o corpo durante suas falas públicas, durante suas caminhadas por justiça. Por esse motivo era importante trazer *a narrativa da mãe preta como dor, como força, mas especialmente uma perspectiva: Eu resisto, eu reexisto. As mães reconstróem narrativas de dor e plantam sementes de vida – e isso acompanhou o processo de criação de Drika*.

Assim, por meio da heroína Drika, a peça dá mais um passo na reverberação de uma mensagem que tem muita força, para dentro e para fora da Maré. Quem é de fora, tem mais uma oportunidade de compreender que *a mãe preta é a figura que sustenta este território*; quem é de dentro, tem mais uma oportunidade para reverenciar ou se sentir reverenciada – um alcance que se expressa nas palavras de Thainá: *A gente criou essa imagem da Drika pra que ela fosse espalhada, tá nesse lugar da partilha de força*. No terceiro ato da peça, podemos sentir a força de Drika e acompanhar seu processo de transmutação de dor em luta pela maneira como a personagem Martin a reconhece e reverencia: *Que angustiante ver a força nascer do mais extremo estado de tristeza. Ainda assim, eu vou contemplar aquela imagem todos os dias, antes de dormir ou depois de acordar, como uma oração. Uma oração por justiça. Foi ela, foi Dona Drika, que me fez entender que fazer justiça também é atribuir à vida outro sentido*.

Uma oração por justiça. Impregnado de dor e força, *Becos* pode ser escutado assim, em formato de oração, narrada por vozes de quem sabe que denunciar a violência é se colocar de pé contra ela. De quem sabe que empostar a voz para dizer *hoje nenhum dos nossos vai morrer* é afirmar que é possível resistir, refazendo. Por esse motivo, ainda que falar de violência não fosse um objetivo, foi inescapável, como reflete Thais: *Não tinha como não falar de violência num podcast criado na favela durante a pandemia. Foi muito doloroso viver a pandemia sendo preto e periférico. A primeira pessoa que pegou COVID no Brasil foi uma empregada doméstica – uma mulher negra; as operações policiais não deixaram de acontecer; é um Estado genocida*.

Escrever, roteirizar, encenar e dirigir uma peça durante a pandemia foi um desafio encarado por toda a equipe. Refletindo sobre o processo de criação, Matheus afirma: *Becos deixa um legado, porque nós somos um grupo de artistas que cresceu do lado da frustração, do lado do silêncio, do lado do medo, e a gente se deparou com um cenário de uma pandemia [...] foi um momento de encarar a frustração de frente, encarar o silêncio de frente*. E sendo tão desafiador, o próprio processo também pode ser entendido como um recurso para driblar os obstáculos que apareceram no percurso deste grupo de artistas durante a pandemia. Enquanto Thainá diz que se alimenta dos próprios processos criativos, apostando numa retroalimentação para seguir em frente, Matheus conta que o processo no estúdio foi um festival de tentativas [...] *A gente olha hoje e pensa “que doideira” e ao mesmo tempo “que coisa fantástica”*. Evidencia-se, assim, uma reflexão sofisticada de Jonathan Panta sobre o próprio ofício: *O artista trabalha com limites – ele tem o desafio de extrapolar os limites. E Becos extrapola...*

Ficamos sabendo, pelo Matheus, que algumas pessoas conseguem domar sequelas por meio da dança e do teatro e que *para andar do lado do medo, só sendo coragem*, como Thais afirma. Pessoas que sabem *que algumas vidas não têm tempo pra esboço*. Se Mc Martina hackea a cena paulista para fazer sua rima no Rio de Janeiro, Rodrigo Maré, que além de atuar assina a direção musical e a trilha sonora de *Becos*, ao lado de Rafael Rocha, explicita os elementos centrais do processo de composição: *Som é matéria-prima e ferramenta de comunicação importantíssima dentro da favela, pra gente entender o ritmo da favela; e como no podcast a gente tava falando de favela, de periferia, os sons são essenciais pra fazer com que esse lugar se materialize pras pessoas. O som é instigador. Quem escuta tá o tempo todo imaginando: como deve ser esse lugar, como deve ser essa rua, como deve ser esse beco, essa casa?*

Batidas percussivas, sonoridades eletrônicas; sobreposição de vozes; sirenes; vendedores ambulantes; o som dos veículos que passam na Avenida Brasil, escutado de dentro do ônibus e também o ônibus que acelera; som da

moeda da *Jukebox*; *sonzão para varrer a laje*; gargalhada de criança; *sons que invadem por todos os lados*; *misto de maracatu e ijexá*; helicópteros sobrevoando a Maré. Orgulhoso do trabalho do amigo como diretor musical, Jonathan lembra que a peça contou com um arquivo de sons da periferia – *som da galinha chorou*; *som da Makita*; *quem mora na favela e nunca ouviu o som da Makita de manhã, não é favelado*. Ouvimos ainda o áudio do telejornal noticiando a operação que vitimou Emanuel, se ocupando em dizer para evitarem a Avenida Brasil, para fugir do engarrafamento. Até mesmo neste simples áudio, é possível capturar o tratamento diferenciado para quem mora e para quem não mora na favela: a cidade que durante uma operação se divide entre quem foge de “chuva de balas” e quem foge de “engarrafamento de trânsito”. *Becos*, se bem escutado, faz pensar muito. Deve ser o resultado de uma tal mistura de música eletrônica com música orgânica sobre a qual fala Rodrigo. Mas não precisa entender de música para passar pela experiência desta peça sonora – o importante é se abrir e ativar a imaginação.

Não há teatro algum para assistirmos ao espetáculo. Independentemente do lugar onde estivermos escutando *Becos*, se abre a possibilidade de “entrarmos secos e sairmos molhados”. A sonoridade do *podcast* abre caminho para sensorialidades múltiplas: ouvimos e sentimos a chuva, imaginamos alagamentos, numa Maré que encharca, onde é importante saber nadar. Músico que se descobriu poeta durante o processo criativo da peça, Jonathan ensina que *música é ouvir antes de falar, é ouvir antes de tocar*. *Becos* reforça a escuta que antecede ações. Em momentos de exceção, ouvimos o silêncio. Em raros momentos de descanso, ouvimos o mar. A partir de uma única pergunta do Martin, viajamos da cena de uso de *crack* da Rua Flavia Farnese até a praia de Grumari, na Zona Oeste do Rio de Janeiro; recebemos um convite para pensar, afinal, qual é o tamanho do mar? – pergunta com infinitas respostas possíveis: *O tamanho do mar é infinito. Quando olho, parece que não tem fim; o tamanho do mar é a nossa vista, o tamanho do nosso horizonte! O mar limpa as impurezas, e tudo e mais um pouco*.

E assim seguimos memórias mareenses como quem segue o fluxo das águas de um rio que vai desembocar no mar que limpa as impurezas; como quem segue o fluxo das águas da *cascata de riacho forte* que cobriu os olhos de Dona Drika, aquele *vêu branco* que tinha o *gosto do mar* das suas ancestrais. Mais uma vez, a ancestralidade se apresenta como caminho para o fortalecimento. Uma ancestralidade que habita água doce, água salgada, água que faz redemoinho, água que faz girar: é na roda formada por todo o elenco que Dona Drika toma coragem para ler o caderno de poesias do filho, bem no dia que Emanuel faria aniversário. Começa a ler, fica muito emocionada e Carlos assume a tarefa, em revezamento com toda a roda. Emanuel se faz presente, nas suas palavras:

*Senhora ansiedade*¹⁴

*Já faz tempo que eu quero puxar tua orelha por todas as merdas que você tem feito
Mas tu foge por dentro de mim e se esconde onde não consigo te alcançar
Eu devia te encher de porrada, mas nessa briga eu sempre apanhei
Minhas unhas sabem como é serem castigadas por você
Algumas noites você me imobiliza e a insônia me bate tanto que eu sempre fico
com o olho roxo. Já olhou minhas olheiras?
Seus crimes além de lesão corporal envolvem noites de sono roubadas,
superlotação de pensamentos e espera eu ficar triste pra roubar minha
autoestima
Há quanto tempo eu mutilei minha sanidade, acreditando ser uma pessoa ruim, e
ter esquecido de que sou gente... Há quanto tempo eu achei que não era gente...
Não é porque o mundo cobra perfeição que eu vou deixar de errar, porque eu
nunca vou deixar de tentar*

¹⁴ Senhora ansiedade é um poema de autoria de Matheus Araújo, incorporado, na íntegra, ao texto do Ato IV da peça sonora *Becos*.

Pra cada erro cometido, existe o dobro de acertos que nunca são contados por aqueles que me crucificam e você, ansiedade, anda tão sem moral que as pessoas te acham frescura.

Um sorriso falso esconde falta de ar e crises de choro de uma memória cheia de traumas de onde você nasceu, e a pressa de fazer tudo o que sonha é medo de morrer cedo, e não deixar algo digno de ser lembrado.

Gente como eu não costuma durar muito. Dos nossos já se foram muitos.

Eu te entendo, ansiedade... Mas você é uma blusa tamanho PP que não cabe em mim e me aperta quando tenta me vestir, porque eu sou muito maior que você.

Então faça como as pessoas que eu amava e diziam me amar também: Mete o pé!


Mete o pé! Mete o pé! Mete o pé!

Porque hoje eu vou ligar o gás do forno, eu vou abaixar a minha cabeça e preparar o bolo do meu próximo aniversário, porque hoje eu tô vivo! E você não vai mais tentar o contrário.

A poesia de Emanuel brota na roda, evocada pelos tambores de Rodrigo, pelo som das palmas, no ritmo do *funk*. É nesta gira ancestral que se pode limpar *entulho acumulado em pouco tempo de vida*. Não à toa, Thais diz que temos de *ouvir a ancestralidade*. Não à toa, Pamela Carvalho se refere a *Becos* como *um podcast de saberes favelados*. Saberes que envolvem enxergar a ansiedade como uma blusa tamanho PP, que não serve mais no corpo, mas envolvem enxergar que aquele obstáculo é grande o suficiente para merecer um pronome de tratamento formal: *senhora*. As palavras de Emanuel surgem na roda encarnadas de resistência. Aquele caderno era um presente do filho para Dona Drika e quem mais tivesse acesso às suas poesias, como tinha sido um presente a convivência com o próprio Emanuel, para quem estava ali naquela roda.

Emanuel era professor de Matemática, mas nunca tinha deixado de escrever poesias. E foi ele quem, de forma despretensiosa, incentivou Carlos a voltar a compor, num dia em que os dois se encontraram no ônibus: *Eu acho que tu tem de deixar as coisas que ficam te travando saírem, cara, como era antes.*

Tu num tinha trava, tu não tinha trava, Carlos. Com certeza, mano, com certeza tu tá cheio de arte pronta pra voar, mas só tu num tá vendo... E somos surpreendidas com uma nova composição *soul funkeada* da personagem sobre sua ida para o trabalho na Zona Sul da cidade. Melodia e letra grudam na cabeça. No dia seguinte, após voltar a compor, Carlos caminhou *como se dançasse*, percorreu o trajeto para o ponto de ônibus como se tivesse renascido. A vida seguia na Maré. *Nunca foi sorte, sempre foi poesia.*



SAÚDE MENTAL EM CENA: UM DIÁLOGO ENTRE CATHERINE PASKELL E PAUL HERITAGE

5 de fevereiro de 2021 (via Zoom)

■ PAUL

Trabalhamos juntos pela primeira vez, quando te convidei para dirigir *O Mercador de Veneza*, no Brasil, em 2016. Um texto histórico de Shakespeare, mas que, de certa forma, ainda não existia, porque seria construído a partir de uma tradução, trabalhado em Português, com atores de Minas Gerais e da Bahia. Quatro anos depois, em 2020, você aceitou um novo convite meu, desta vez para fazer um projeto com seis jovens poetas da Maré. Para você, existe alguma relação entre dois projetos tão distintos?

■ CATHERINE

Durante o primeiro projeto eu estive fisicamente no Brasil e, no segundo, estava no País de Gales (trabalhando via internet). Mas, como em todo teatro que faço, tento responder aos artistas com os quais trabalho, em vez de trazer ideias preconcebidas ao projeto. Isso foi particularmente importante no *Mercador de Veneza*. Eu queria que fosse uma produção que respondesse a Minas Gerais e a Bahia, mas ainda assim contasse a história contida no texto de Shakespeare. Tanto o elenco quanto eu tivemos que nos abrir para as experiências de vida um do outro. Em 2016, estávamos trabalhando contra o pano de fundo do impeachment da presidente Dilma e, com isso, exploramos o que significava mudanças de regras dentro do sistema judicial (que está no cerne da peça de Shakespeare). *O Mercador de Veneza* – assim como os eventos políticos que se desdobravam durante o período dos ensaios – colocam a questão do que significa retirar pessoas que estão em posições de poder. Como uma estrangeira, o elenco me dizia que eu perguntava aquilo que eles não conseguiam ou podiam perguntar. Minhas indagações vinham de um lugar de “eu não conheço vocês e suas experiências. Não sei o que se conecta ao seu público, que talvez não conheça a peça ou tenha preconceitos contra Shakespeare.” Terminamos apresentando uma produção com trilha de funk, que misturava a cultura popular de Minas Gerais com uma estética baiana.

Vim com os mesmos instintos para a produção de *Becos*. Não foi sobre como eu, uma pessoa do País de Gales, poderia ensinar artistas brasileiros a produzirem um áudio drama. A pergunta que me norteava sempre foi: Como eu, uma pessoa de fora, estrangeira, posso apresentar uma estrutura ou um instrumento de facilitação que me permita trabalhar com atores ou escritores para criarmos algo que não conseguiríamos fazer sozinhos? O trabalho com *Becos* foi sobre criar um espaço para pessoas poderem falar a partir de suas próprias experiências de vida, dentro do contexto do Brasil hoje. Ambos os projetos responderam ao que estava acontecendo no momento, para aqueles artistas.

■ PAUL

Antes da pandemia, a ideia era que você viesse ao Brasil para conduzir uma oficina de escrita imersiva, de uma semana, com seis jovens poetas da Maré. As restrições impostas pela pandemia geraram uma mudança radical e passamos a trabalhar duas vezes por semana, durante quatro meses, via Zoom. Como isso mudou as expectativas e ambições em relação ao projeto?

■ CATHERINE

Foi uma experiência extraordinária e iluminadora, que fez com que o *lockdown* não parecesse tanto como um *lockdown* para mim. Me deu convicção. Quando se trabalha *on-line* não é possível passar 8 horas por dia experimentando coisas da mesma maneira, como faríamos se estivéssemos todos reunidos em um mesmo ambiente físico. No virtual, não há espaço para a descompressão ou o relaxamento. Não há o convívio social que normalmente amortece algumas das partes mais duras de se construir um trabalho fisicamente junto.

■ PAUL

No início, a intenção não era criar um áudio drama, ou qualquer tipo de *podcast*. Os encontros eram sobre recuperação. Um processo de recuperação de onde nos encontrávamos. Penso que essa experiência foi o mais próximo que já cheguei de desenhar um projeto artístico simplesmente porque era necessário para todos nós. As primeiras oficinas eram sobre isso. Não havia planejamento. Eram encontros para nos recuperarmos daquilo que a vida havia se tornado. Então, na medida em que o processo evoluiu, começamos a recuperar algo daquele novo cotidiano, a partir do qual se era possível escrever e trabalhar. Essa foi a dinâmica-chave das oficinas *on-line*.

Ao reconstruir esse processo agora, é importante lembrarmos que o produto final nunca foi estabelecido como propósito. Embora o projeto tenha durado quatro meses, a maior parte da escrita apareceu logo no início. O corpo principal do texto foi produzido no primeiro mês ou primeiras seis semanas. E seguimos em frente, sempre olhando para trás, para o que havíamos criado no início. Por isso essa sensação de recuperação permeou todo o processo, ao passo que tentávamos sempre manter um senso de onde estávamos, de quem éramos, o que estávamos fazendo, e de nunca desperdiçar nada. Sabíamos que tínhamos de utilizar o momento que estávamos vivendo. Em sua mais pura essência, o projeto é, de fato, sobre recuperação e saúde mental.

■ CATHERINE

E teve muitos momentos em que os jovens artistas estavam revivendo ou até passando por algum tipo de trauma. Fosse ele baseado em experiências ou oriundo de situações difíceis do momento. Então a ideia de recuperação parecia muito real, não apenas artística. Como subtexto, as indagações eram: “Conseguiremos passar por isso?”; “É assim que será daqui para frente?” Mas também a afirmação: “Temos esse espaço e podemos passar por isso juntos.” Estávamos nos descobrindo vivos e bem - tanto quanto possível. Havia uma sensação de cuidado entre

nós, que acredito ajudou a nos trazer até onde nos encontramos hoje. Se tivéssemos pressionado por um produto final logo de saída, isso não teria sido o melhor para aqueles artistas - jovens em circunstâncias difíceis. O *por que, o como e o que* do projeto evoluíram de forma conjunta.

■ PAUL

Vemos isso na dramaturgia do *Becos*. Cada um dos quatro episódios chega a um ponto final comum: “Onde estou? Por que estou aqui? Aqui estou. E isso é tudo o que posso dizer neste momento, e isso em si já é uma grande declaração.”

Catherine, em suas produções teatrais é possível ver a exata junção entre a ação do ator e as palavras do texto. Nesse projeto, apesar de os escritores atuarem seus próprios textos, eles eram poetas e não atores. Qual impacto isso teve na produção final?

■ CATHERINE

Não atores possuem aquela essência central do que é importante para eles e de quem eles são. Então, mesmo que não possuam as habilidades técnicas de um ator e não conheçam a língua compartilhada entre atores/diretores, as mesmas questões permanecem: Quais são as suas circunstâncias? Onde você está? Quem é você? Em momentos de *Becos* fica muito claro que a Thais Ayomide é a Thais, que a Martina é a Martina, etc. Talvez o Rodrigo Maré como uma mochila seja a forma mais verdadeira do Rodrigo, porque esta imagem é muito do que ele foi durante as oficinas: aberto, celebratório, incentivando os outros. Nunca dissemos ao Rodrigo para escrever como uma mochila, mas essencialmente foi isso o que aconteceu. Criamos *Becos* por meio da escrita. A parte da *performance*, da atuação, foi a última coisa que fizemos antes de editar o áudio drama. E, naquela altura, já tínhamos esse imenso banco de conhecimento sobre quem eram os escritores, seus interesses, suas motivações. Quando chegamos no momento de

dirigi-los como atores, conseguimos oferecer direções específicas que sabíamos que iriam tocar em algo neles, que eles poderiam utilizar e tentar explorar na *performance*.

Também ajudou que cada um escreveu sobre outra pessoa do grupo. O episódio de abertura teria sido bastante diferente se eles tivessem escrito sobre si mesmos e se apresentado ao ouvinte. Eles eram um grupo muito unido, mas tinham divergências, estavam sempre muito dispostos a se oporem se algo importasse para eles ou se quisessem ser ouvidos e, ao mesmo tempo, tinham grande respeito uns pelos outros. Isso aparece na escrita. Como diretora, o mais importante para mim era a autenticidade de suas *performances*. Porque mesmo ao atuar, aquilo parecia autêntico para eles. Atuar é sobre iluminar a verdade de uma personagem. E foi isso o que pedimos àqueles não atores fazerem a partir de seus próprios textos.

■ PAUL

Durante os dez dias de gravação em estúdio, me preocupei, pensando que poderíamos perder muito do que havíamos conquistado ao longo dos quatro meses de escrita. No entanto, alguns dos momentos mais criativos ocorreram quando os poetas escreviam no estúdio durante as gravações. O meu lado ansioso pensava, “por que não nos preparamos melhor?” Mas, por outro lado, achava simplesmente lindo e emocionante observar Matheus Araújo e Rodrigo Maré deitados no chão, destrinchando a próxima cena. Havia uma sensação estranha de estar se perdendo algo, mas de ter todo o controle, já que os poetas também eram os escritores.

Catherine, quando trabalhamos com Shakespeare no Brasil você sentiu muito prazer em trabalhar com atores não familiarizados com o texto. Aqui, você trabalhou com seis jovens artistas que não estavam familiarizados com a ideia de um áudio drama ou com as possibilidades do efeito sonoro nesse contexto. Embora eles sejam muito fluentes

em edição e no mundo digital, o resultado chegou como uma grande surpresa para eles. Como você acha que essa falta de familiaridade deles com o formato afetou o que foi criado?

■ CATHERINE

Eles estavam muito comprometidos em pensar o som como música e em seus usos literais, tinham dificuldade com as possibilidades imaginativas do som. Mas sempre escreveram de forma imaginativa, então só tivemos de dar um passo à frente e levá-los a pensar em como contar a história para pessoas que não conseguem ver o que está se passando. Foram constantes os nossos pedidos para que reescrevessem cenas em som e eles sempre estiveram muito abertos para trabalhar de novas formas. O retorno depois de escutarem o trabalho pela primeira vez foi mágico, porque ali eles, realmente, puderam compreender o que era para acontecer. O que foi, sem dúvida, mais difícil para eles produzirem do que se tivéssemos criado, por exemplo, um Slam de poesia.

■ PAUL

O quanto você considera que aprendeu com eles sobre *Slam* de poesia? E sobre o significado da escrita e do que é ser artista para eles?

■ CATHERINE

O *Slam* que eles escrevem é muito mais visceral do que o tipo de *Slam* que eu já vi ou vivi aqui no Reino Unido, que tende a ser algo mais como o *rap*, um jogo de palavras. Os poetas de Slam da Maré são capazes de colocar tudo o que querem dizer em suas rimas, ritmos e estruturas. A escrita deles é completamente honesta e vai direto ao ponto, mas sempre com beleza. E escrevem rápido, de forma muito efetiva - motivo pelo qual, inclusive, o processo de edição foi tão difícil. Parecia que não havia nada que eles não pudessem escrever. Nosso desafio foi emoldurar a escrita de maneira que o público ficasse instigado a seguir a história

em uma plataforma de áudio. Nunca os desafiamos como escritores ou mesmo suas poesias. Simplesmente dissemos: “E agora? O que mais?” Eles possuem uma forma muito autêntica. Aprendi muito.

■ PAUL

Quando a Thais escutou *Becos* pela primeira vez, ela disse: “Isso é exatamente o que eu queria fazer.”

■ CATHERINE

O trabalho os representa como indivíduos, mas também como parte de uma comunidade e de uma geração. Eles se veem no trabalho como são.

■ PAUL

Becos foi um projeto sobre saúde mental e bem-estar?

■ CATHERINE

Houve grandes momentos durante as oficinas em que estávamos lidando com questões de saúde mental. Por isso que Matheus escreveu o poema *Senhora Ansiedade*, que fecha o episódio final. Estávamos sempre respondendo ao que seria melhor para aqueles jovens, naquele momento. Lembro o quanto eu e você nos perguntávamos, o quanto podíamos empurrá-los. Se podíamos levá-los para o próximo nível... Tivemos até alguns diálogos literalmente sobre questões de saúde mental, como, por exemplo, na cena do ônibus do episódio 2, mas em outros momentos isso é emoldurado pela fantasia: por meio de vidas ordinárias tornadas extraordinárias. Sempre estive consciente, durante os exercícios, que nossa meta deveria ser permitir a presença de outras pessoas dentro do que queríamos falar, elevando nossas próprias experiências de diversas formas.

■ PAUL

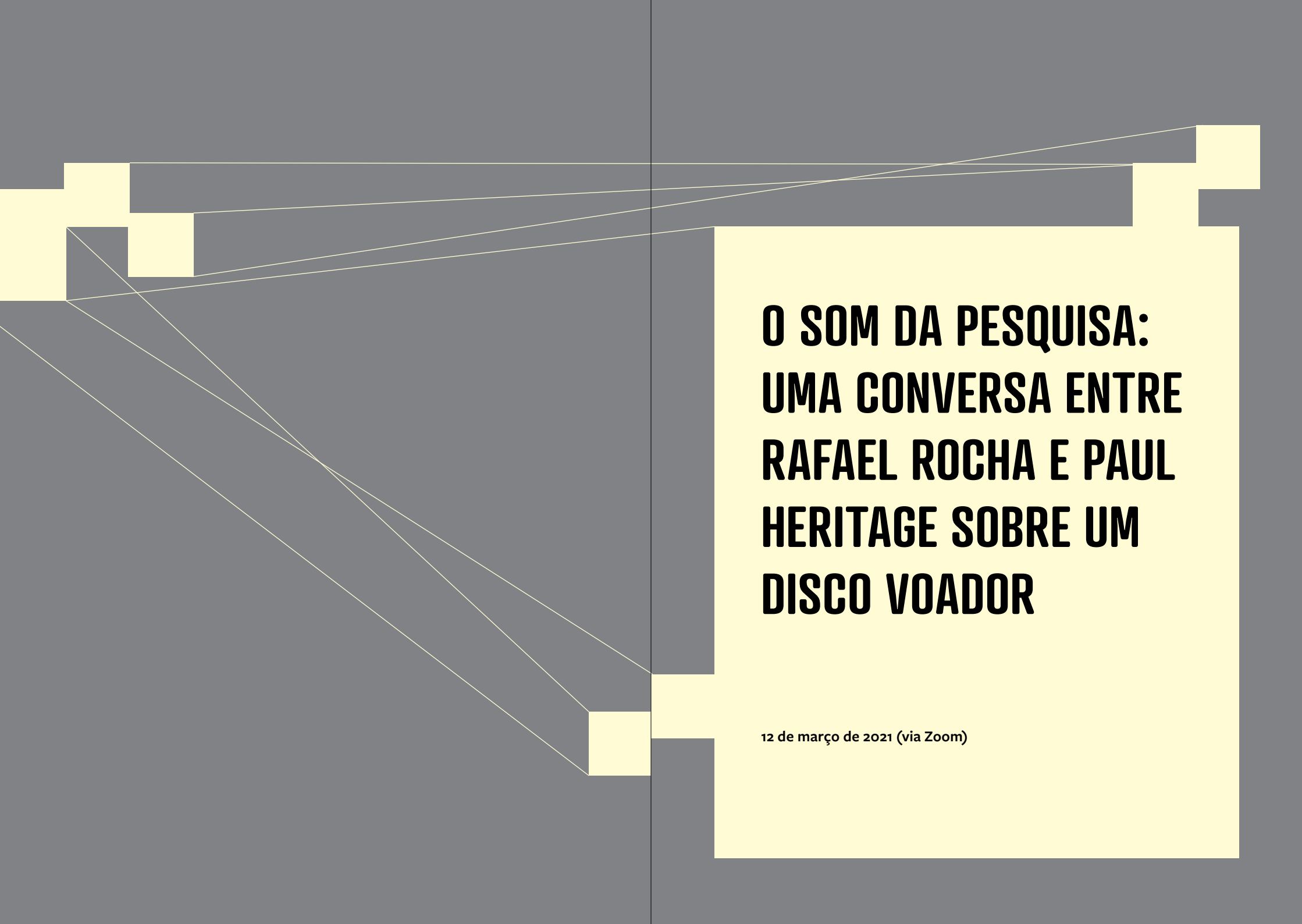
Para mim, a experiência da saúde mental e do bem-estar aparece incorporada de várias formas inesperadas no texto. Quando ouço os jovens poetas gritando seu manifesto do alto de uma laje no final do episódio 1, não consigo imaginar nenhuma maneira melhor de dizer que “isso é saudável!”.

■ CATHERINE

O grupo nos contou que um beco em uma favela é onde as pessoas se encontram, conversam, trocam histórias e falam sobre suas vidas cotidianas. E sabemos que parte da forma de manter nossa saúde mental é pela troca, é falando sobre e dividindo as questões e dificuldades do nosso dia a dia. Mas *Becos* também é sobre abrir novos caminhos, descobrir novas rotas, criando novas vias. Precisamos abrir novos caminhos – novas possibilidades – que podem também dar em becos sem saída. Penso que esse projeto foi muito sobre saúde mental.

■ PAUL

Becos não diz que a saúde mental é o problema da Maré. O problema é a pobreza, a violência, o transporte, o subemprego, a falta de acesso a oportunidades iguais de educação, etc. A peça (o áudio drama) se refere a todas estas questões, mas nunca diz que isso é a causa de problemas de saúde mental. A qualidade de vida de todos poderia ser, sem dúvida, muito melhor, mas depressão, ansiedade e questões mentais ainda assim permaneceriam. Esses jovens escritores encontraram uma maneira de integrar os desafios de saúde mental e de bem-estar nas suas vidas cotidianas na Maré.



**O SOM DA PESQUISA:
UMA CONVERSA ENTRE
RAFAEL ROCHA E PAUL
HERITAGE SOBRE UM
DISCO VOADOR**

12 de março de 2021 (via Zoom)

■ PAUL

Rafael, nós nos conhecemos há muito tempo fazendo um projeto de Shakespeare, leituras de *Antônio e Cleópatra*. Gostaria de voltar um pouco para aquele momento, pois acredito que ali foi a primeira vez que experimentamos algo entre a percussão e o ritmo do verso como uma sustentação para o trabalho dos atores (algo tão importante na gravação de *Becos*). Naquele projeto de Shakespeare, em 2004, você revelou como a trilha é parte ativa da dramaturgia de uma peça. Você acha que nossa experiência fazendo Shakespeare juntos, em cinco diferentes favelas no Rio de Janeiro, tem a ver com o que fizemos, ano passado, com *Becos*?

■ RAFAEL

Dessa vez, uma coisa que ficou evidente logo de início é que, na preparação de um áudio drama, cada parte do som teria funções específicas, substituindo o cenário, a arte, os figurinos. Todos os elementos que estaríamos vendo tinham de se transportar para o sentido da audição. Incluindo a localização do som, por exemplo - se estaria atrás, na frente, quais se cruzariam. O som de cada coisa, tanto do real quanto do irreal. Sons diegéticos, não diegéticos. Logo percebemos que funções como a fotografia no cinema e outras do teatro se transportariam para o som. E aí começou nossa brincadeira de gostar do som de olhos fechados.

■ PAUL

Shakespeare enfrentou o mesmo desafio quando precisou transportar seu público para outros mundos apenas com o som das palavras. Quando trabalhamos juntos em *Antônio e Cleópatra*, você era responsável por recriar os ambientes do Egito, da Grécia, de Roma, de guerra e sexo. O que também me fez pensar nessa relação de estar de olhos fechados, porque estávamos no meio da favela, bem longe desses lugares, mas seus sons nos transportavam. E naquele palco na

divisa entre a Parada de Lucas e Vigário Geral, marcada pela guerra entre fações criminosas armadas, a palavra constante era risco. Tudo era risco. Fazer Shakespeare é um *risco*, declamar versos é um risco, improvisar é um risco. E esta é uma palavra que, para mim, vincula estes dois momentos. *Becos* foi um risco para você, como fazer Shakespeare 20 anos atrás?

■ RAFAEL

O risco é fundamental. Porque você está se propondo, se expondo, buscando algo que não é o óbvio, fora da sua zona de conforto. Correlacionando o áudio drama *Becos* com a produção de *Antônio e Cleópatra* em 2004, o trabalho com a trilha sempre foi fugir do óbvio. Lá atrás, tínhamos percussão e sonoplastia, com a liberdade de usar instrumentos pequenos do mundo inteiro, evocando algo antigo. A ideia era que a trilha indicasse algo específico ou fosse inspirado pelo texto, mas também trouxesse um elemento a mais. Então, ali, nos arriscamos com outros sons, como o esfregar do dedo na pele do tambor para criar ruídos. E com os microfones certos, esses pequenos ruídos - essa sonoplastia - ganharam grandes dimensões, se aproximando do tipo de som que estamos mais acostumados a encontrar no cinema. Fazer algo assim sempre envolve riscos e, nesse caso específico, ainda havia o risco de estarmos entre Vigário Geral e Parada de Lucas, em um momento que havia muita guerra naquele local - e é também um risco acreditar que a arte vai selar a paz. É esse risco que a gente sempre precisa estar correndo. Tem uma frase de uma música minha que diz: “Nos sentimos feridos protegidos.” Então é importante se arriscar. Eu vejo que o seu trabalho, Paul, está ligado a isso, e talvez seja por isso que trabalhamos juntos.

■ PAUL

Outra coisa que reverbera em mim da experiência de anos atrás nesta de agora é a relação entre melodia e bateria, melodia e percussão. Em

uma trilha tradicional, a melodia é responsável por grande parte. Mas tanto em *Antônio* e *Cleópatra* quanto em *Becos* e no álbum *Satélite*, você cria uma relação complexa – com responsabilidades divididas – entre ritmo e melodia.

■ RAFAEL

A harmonia, que é a junção de várias notas, trabalha muito com a emoção. Como na harmonia de uma bela música, de uma música triste ou alegre. A melodia também está ligada à emoção, à nossa áudio biografia, por exemplo. Ao longo de nossas vidas, nos relacionamos de formas diferentes com as melodias. Como com uma melodia que nossa mãe cantava 40 anos atrás e como isso toca diferente em cada um de nós. Já a percussão e o ritmo lidam com o instinto. Que de certa forma também lida com a emoção. Mas se quisermos brincar de separar, grosso modo, a melodia vai para o lado da emoção e o ritmo vai para o instinto. E eu gosto muito do vazio. Do vazio da harmonia. A harmonia vazia fica na cabeça de cada um, de quem escuta, criando seu próprio arranjo. Isso abre o lugar do risco, do estranho. A busca é por algo autoral na sonoplastia, na trilha, no ritmo. Estamos vivos, fazendo, nada é no automático.

Com Shakespeare, meu trabalho era mais de tambor, percussão, quase de um sonoplasta. Daquele que está atento a tudo o que acontece, com vários sons agudos, médios, graves, tambores, brinquedos, flautinhas, coisas engraçadas, outras misteriosas, criando climas. Já em *Becos*, eu e o editor de som, Rodrigo Campello, trabalhamos como se fosse cinema. Abrimos muitos canais, escolhendo o som de cada coisa que aparecia, sempre nos perguntando: Que som é esse? Está na frente? Atrás? Do lado? Nós brincamos com essas possibilidades. Quando fomos escutar juntos – olha, quase falei assistir – o pessoal falava: “Caramba! Que isso! Parece uma série da Netflix”, porque tecnicamente a gente pôde sofisticar. Pudemos brincar com a técnica em cima do conteúdo e da liberdade total dos jovens escritores da Maré. Eles faziam o que

queriam e nós apoiávamos na direção de clima e com essa estrutura técnica bacana do estúdio do Campello, com o conhecimento dele para realizarmos de fato uma edição de som, um trabalho de som de cinema. Esse foi o primeiro *podcast* que eu fiz. Algumas pessoas haviam me dito que *podcast* era rapidinho: “Você faz as entrevistas pelo celular, a pessoa manda pelo WhatsApp, e pronto.” Mas o que nós fizemos, como você gosta de chamar, Paul, foi um áudio drama ou áudio peça. Então, a gente criou uma trança contando uma história de forma autoral, com momentos de poesia. É bom quando não está tudo tão mastigado!

■ PAUL

Em *Becos*, como em Shakespeare, a harmonia ficou com os atores. É claro que você tem melodias no seu álbum *Satélite*, mas é como se o timbre do ator, o volume de voz do ator, fosse a harmonia. Mais especificamente, no caso de *Becos*, existe uma questão das camadas que se misturam. Tem uma fala da poeta Thais Ayomide, que você usa no *Satélite*, que diz: “O nosso som amplia e preenche o mundo.”

■ RAFAEL

Como já disse nosso maravilhoso Chico Science, “cadê as notas que estavam aqui? Não preciso delas, basta deixar tudo soando bem aos ouvidos.” Essa frase da Thais, por exemplo, foi dita uma vez por ela dentro de um contexto específico de *Becos*. Então, pegamos esse fragmento, que se você for escutar isoladamente é em si uma melodia, e ao repeti-lo várias vezes, reafirmamos o som. Como você diz que a harmonia são os atores, naquele momento, a Thais também virou um instrumento melódico. O *Satélite* tem muito disso: da ideia de utilizar o *sampler*. Que é retirar fatias, fragmentos, e colocá-los em diferentes contextos, sendo ainda possível manipular ou repeti-los, como nesse caso, e aquilo vira música. Na frase dela, a gente fatiou e colocou a batida atrás, que era uma brincadeira com o maculelê. Conforme este fragmento entra e se repete isso vira o ritmo. E o universo do funk,

do *funk* carioca, ao longo das décadas, se baseia nisso, no sampler, na ressignificação de elementos em cima de batidas. Iniciou com batidas mais norte-americanas, que vieram do *Miami Bass* e antes até do *funk* estilo James Brown. E que aqui o pessoal começou a inserir o maculelê, que é um ritmo que tem na capoeira, no candomblé, que vem da negritude, misturado com formas, digamos, de “baixa tecnologia” - utilizando um microfone de baixa qualidade, um *low-fi*, foi criada uma estética. Olha aí o risco de novo. E nesse sentido, o álbum *Satélite* é, de fato, um satélite que observa tudo isso, absorve e vai analisando, avaliando, passeando, seja pelo Egito ou pelo Complexo da Maré. E o tempo para ele passa muito rápido. Ele não está ligado na tendência do verão, mas nas reverberações da humanidade. Como o Luiz Eduardo Soares me falou, tem algo de também poder se desprender até mesmo do conteúdo e ir só para o som. Então, tem momentos em que o disco se transforma numa brincadeira de poesia concreta, com esses fragmentos dos jovens escritores e com a liberdade de transcender os ritmos.

E lá no início do processo, logo percebemos, quando tudo foi se criando, que eles foram criando, onde cada um estava, o lugar de cada um. Eu, obviamente, tive de perceber que não moro lá dentro. Posso frequentar e ter amigos de lá. A música pode até fazer com que não exista fronteiras, mas eu sou um satélite, não sou uma árvore enraizada ali. E um dia me veio esse nome.

Este *Satélite*, o disco, é nossa liberdade artística, minha e sua, Paul, nesse processo de viajar e de brincar com o som, com o conteúdo, com as palavras e com a poesia.

■ PAUL

O brincar é tão natural no seu trabalho... Lembro-me como, em *Becos*, você brincou com o WhatsApp, de repente uma mensagem virou um *funk*. Esse é o poder transformador que vem com o ato de brincar. Seja dentro de um texto, como o de *Becos*, tão sério, que trata sobre

justiça social e racismo, que foi criado, além de tudo, num período de pandemia, com pessoas de um lugar barbaramente afetado pelo vírus, seja no *Satélite*, que traz algo de leve. Descola da terra, mas ainda está vinculado.

■ RAFAEL

Quando você fala na palavra *leve*, eu de certa forma concordo, mas vejo o trabalho mais como uma cor. Como uma cor que não existe, que está entre o dourado, o rosa e o verde claro. É um lugar de esperança. E isso, de fato, mesmo que inconscientemente, é uma opção não fazer um disco pesado. Não incluir som de sirene, de polícia e tiro, por exemplo. Mas isso veio do nosso relacionamento com esses jovens poetas da Maré. Foi tão importante, com todos os cuidados, fazer alguns encontros presenciais, depois de meses de pandemia: todos testados, de máscara, touca de cabelo, etc. Aí veio o brincar, porque eles são brincadeira o tempo todo. Eles são tão brilhantes e iluminados! Estão sempre te pegando na brincadeira, com um alto astral, na forma de se comunicar e de andar. No momento em que um silêncio se instaura, alguém já começa a dançar ou a descontrair e alegrar o ambiente. Coletivamente, eles são assim, sozinhos já não sei.

■ PAUL

Esse alto astral é algo que você conseguiu transmitir com o *Satélite*...

■ RAFAEL

Como eu estava dizendo, quando estamos sozinhos – eu, você, eles – é uma coisa totalmente diferente de quando estamos juntos. Quando nos encontramos com eles é difícil ficar sério. Não existe tensão, não existe erro. O tempo inteiro havia uma descontração para falar de um assunto sério.

Mas existiu um norte para isso que estamos falando da leveza, da cor, da esperança, do alto astral, que é algo que se mostra na pesquisa

Construindo Pontes. Em condições de dificuldades as pessoas se sentem felizes. Embora quiséssemos, é claro, deixar que o som do *Satélite* surgisse naturalmente, que o trabalho surgisse, que o álbum surgisse, com todo o risco e a liberdade, e de forma que todos nos sentíssemos criadores, como pintores que experimentam jogando uma tinta e vendo no que dá, é bacana.

O *Satélite* tem momentos em que os *samples*, os fragmentos, são duros e fortes, como quando a mãe preta sai detrás do balcão, pega um facão e aponta para os policiais. Ao mesmo tempo, lá na frente o disco já fala de resiliência, como aquele trecho que diz: “Maré, maré braba, vai segurando a onda enquanto o mundo desaba.” Pensa nessa imagem, eles ali segurando a onda, mesmo que seja impossível literalmente segurar uma onda, porque ela vem e passa por você. Eles são a Maré segurando a onda, enquanto é o mundo ao redor que está desabando. Enquanto eles estão ali, naquele núcleo fora do Estado, à margem, marginalizados, e arrumando uma forma de ter qualidade de vida. Tudo bem se eu não conseguir, mas acho que é isso que é o *Satélite*.

■ PAUL

Como você lembrou, na pesquisa sobre saúde mental as respostas mostram como existe resiliência e felicidade em contextos que são muito mais diversos do que as imagens usualmente transmitidas dessas comunidades. Lembrei-me de um passeio que fizemos - conduzido por um morador - para ouvir todos os ritmos da Maré, passando pelos sons dos pássaros ao *rock*.

■ RAFAEL

O Klaus é um perfeito cara da Maré, filho de um alemão com uma nordestina; ele é professor de música nas escolas municipais e gosta de tocar *heavy metal*. Nesse passeio que durou uma tarde toda, a gente viu a igreja que toca *heavy metal*, depois tomamos uma cerveja no bar dos angolanos e escutamos música angolana, fomos até um projeto

de música clássica para crianças. Durante o passeio, chegamos até o alto do Morro do Timbau e lembramos também dos sons indígenas. É importante trazer essa ancestralidade. Até mesmo antes daquela comunidade ser formada, ali estavam os Tupinambás. Estávamos no alto e dali tínhamos uma perspectiva bem ampla e podíamos ver aquele mar, que hoje em dia é poluído, da Baía da Guanabara, mas que já foi o Guajupιά, o chamado paraíso, onde existia abundância de comida, água, frutas; onde as pessoas, nas rotas de migração, paravam e ali queriam ficar de tão maravilhoso que era. Este lugar que hoje são as 16 favelas que compõem o complexo da Maré, onde estão os nordestinos, os afrodescendentes, os africanos, todas as misturas. Este é um ambiente democrático e miscigenado, de grande potência e grande resiliência. Acho que é isso que vimos esse dia no passeio e o que eu, humildemente, com uma vida dedicada à música, mergulhei profundo, para que estivesse refletido no *Satélite*.

■ PAUL

O álbum também é um passeio por diferentes ritmos. Pode falar um pouco mais sobre o caminho rítmico das faixas?

■ RAFAEL

O meu trabalho é fazer hibridismo rítmico. Então, gosto de pegar ritmos diferentes e juntá-los de tal forma que é uma coisa e também é outra. Não trabalho construindo ritmos tradicionais, vou fazendo pela brincadeira, pela sensação, se está gostoso. Uma vez trabalhei com Arto Lindsay e ele não colocava um dedo em nada, mas ele sentia se aquilo fazia ele dançar ou não. E aí, quando ele dançava, é quando achava bom e dizia para seguirmos naquele caminho. E deu certo. Isso eu aprendi com ele. Às vezes, não é preciso fazer sentido, mas você precisa gostar.

A música *Cara Lavada* do Matheus Araújo, por exemplo, apesar de ninguém ter pensado nisso na hora, é um *blues*. Porque brinca com uma escala melódica pentatônica do *blues* e esse ritmo *shuffle* enquanto

ele fala: “Chove chuva, rua alaga, não resolveria nunca guarda-chuva virar barca.” A gente foi soltando as falas dele de forma espaçada, e sem harmonia – sem guitarra ou violão – mas com o ritmo e a melodia dele próprio falando, e aquilo virou um *blues*. Mas também tem um flerte com o *rap* – que é literalmente ritmo e poesia. Esta liberdade nos permite os hibridismos. O disco tem também o *funk*, que na verdade é batida do maculelê, feita no *beatbox* imitando um atabaque. Quem começou a fazer, inclusive, foi o Mr. Catra, que nunca ganhou *royalties* por isso, mas que acabou por influenciar a música do Brasil e de outros países. Eu quis, de alguma forma, seduzir o ouvinte, abrindo o disco com esse ritmo contagiante do *funk*. Para alguns, o disco poderia até ter continuado nessa levada, mas ele vai se abrindo, chega uma hora que tem até o Caribe. Esta Maré são muitas Marés. As Marés. E o *Satélite* tem essa permissividade. A música *Enquanto o mundo desaba* tem um momento em que é quase um bolero. Já a música, na qual a Martina fala com um *delay*, tem uma guitarra mais pesada. Em outra, tem o berimbau distorcido. Como eu falei, tem hibridismo rítmico, ou seja, ritmos sobrepostos, outras vezes um *grid* de ritmos, e momentos sem ritmo. Na música *Liberdade*, em que o Jonathan toca violão, simplesmente não tem ritmo, mas tem, aí sim, muita melodia. Talvez seja a música com a harmonia mais bonita do álbum. Pegamos aquele violão dele, que transmite calma, gravei diferentes vozes minhas, em vários canais sobrepostos, e assim ampliei vozes, viajando por cima do violão do Jonathan. É o eclipse do disco, o momento de reflexão.

■ PAUL

Quero terminar com a palavra *cura*, que foi muito importante no início do nosso processo. A música tem a capacidade de curar? Por exemplo, no mantra, o ato de cantar tem um impacto físico de reverberação sonora no corpo e na alma, e você criou vários mantras, junto com os poetas. Ao mesmo tempo, eles têm uma agitação de protesto, que seria quase um contraste ao mantra. O disco mantém isso. Há dois eixos: do

mantra e do protesto. No *Satélite*, você passa de alguma forma a ideia do mantra, de um protesto controlado, diferente do que eles fazem em *Becos*.

■ RAFAEL

O embrião deste projeto era a criação de uma *performance* ao vivo, junto com o coro do Espaço Normal.¹⁵ Com a pandemia de COVID-19, o mundo inteiro precisou se adaptar. Tivemos de abrir mão de trabalhar com o coro, pelo menos nesse momento. Mas cheguei a compor um mantra: “Sinto o cheiro da morte, prefiro o cheiro da vida. Entre o azar e a sorte, procuro alguma saída.” E esse mantra que criei, inspirado no coro, acabou virando uma melodia, sobre a qual o Jonathan criou outra ideia, que depois foi ainda modificada por mim, resultando na música que está no disco. Então, sim, tem este reflexo e tem o próprio harmônio, que é um instrumento indiano de reza e meditação, que trabalha com a música circular e cíclica, com camadas que entram em espiral. O *Satélite* te permite entrar num círculo rítmico e, de repente, se você gostar do disco, pode até um dia se encontrar recitando a frase de um dos poetas, sem nem perceber. É um disco que sempre será ouvido de forma diferente, disso tenho certeza. Dependendo de onde se escute, no ônibus, viajando, na cama, no banho, você vai participar do disco e ajudar a terminá-lo.

■ PAUL

Onde você gostaria que escutassem o disco?

■ RAFAEL

Penso nos jovens dentro do ônibus, aglomerados, sem querer estar... se eles fecharem os olhos, de *headphone*, eles podem estar no *Satélite* sendo coautores do disco. Eu amo escutar na estrada, por exemplo. Mas como nem sempre estamos onde queremos estar, espero que seja um disco que, de fato, possa ser escutado em qualquer lugar e que possa ajudar a pessoa a se transportar e ser coautora. Acredito que, para quem estiver aberto e se dispor, este é um disco que pretende transportar.

¹⁵ Sobre o Espaço Normal, ver texto metodológico do estudo 2, no Livro 2, para maiores informações.

The image features a dark grey background with a vertical line on the right side. On the left, there are several yellow squares of varying sizes, some connected by thin white lines that extend towards the right. On the right side, a large yellow rectangle contains the title and authors' names.

A MARÉ DE CASA

IMAGENS DA QUARENTENA

Tatiana Altberg
Raquel Tamaio

Março de 2020 seria o mês de início de um projeto presencial de fotografia com moradores da Maré e frequentadores do *Espaço Normal*, dentro da pesquisa **Construindo Pontes**, realizada pela Redes da Maré e pela People's Palace Projects, que estuda o bem-estar e a saúde mental de pessoas, no conjunto que abrange 16 favelas chamado Maré. Março marcaria, também, o começo de um período em que muitas atividades foram paralisadas e de outras que começaram a acontecer em função da pandemia do novo coronavírus. Projetos, planos, encontros, desejos tiveram de ser adiados ou repensados, reestruturados ou mesmo cancelados. Nada pôde continuar a ser como era antes. A pandemia, a quarentena, o distanciamento físico solicitaram outras formas de tocar a vida e, conseqüentemente, outros modos de olhar a vida.

Há muitos anos trabalhamos em parceria com a Redes da Maré. Criamos um espaço de convívio e aprendizado, mediado pela fotografia e por procedimentos de criação narrativa. Nosso trabalho estabelece relações de diálogo entre imagem e texto, literatura e fotografia. Temos dois livros publicados: um a partir do romance de Jorge Amado, *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, e outro tendo contos de Machado de Assis como guia para olhar para a cidade do Rio e as favelas da Maré. Realizamos um curta-metragem de animação em *stop motion* chamado CAIO; participamos de diversas exposições coletivas e individuais. O nome do nosso espaço, do nosso grupo, do nosso projeto é *Mão na Lata*, em referência às nossas câmeras de fotografia pinhole, feitas a partir de latas. Temos feito esse trabalho desde 2003. E diferentes grupos já se formaram, sempre em trabalhos de longo prazo, com a possibilidade de acompanharmos um jovem ou uma criança durante vários anos.

Como não seria possível, no contexto da pandemia, realizar o projeto como o havíamos imaginado, propusemos repensar o modo e os meios de atuar junto às favelas da Maré, considerando nossa experiência, tendo ainda o escopo da pesquisa **Construindo Pontes** como guia. Idealizamos uma ação que chamamos de *A Maré de casa*, que aconteceria

ria em dois movimentos: a galeria virtual *Da minha janela*, em que publicamos fotografias e relatos feitos por moradores da Maré sobre o que vêm de suas janelas e sobre como a pandemia estava afetando suas vidas; o outro movimento compõe os *Diários* de seis jovens, participantes do *Mão na Lata* e moradores da Maré, que fotografaram e escreveram sobre seus cotidianos, suas observações e percepções dos acontecimentos externos e internos durante quatro meses da quarentena, de abril a agosto de 2020. Naquele momento, ainda não tínhamos a menor ideia sobre quanto tempo duraria a pandemia. Quatro meses parecia muito tempo...

Para construir a galeria virtual *Da minha janela*, lançamos chamadas públicas aos moradores das 16 favelas da Maré, estimulando-os a enviarem-nos fotografias e textos pelo *WhatsApp*. Fizemos concursos com votação aberta para premiar os/as autores/as mais votados/as. Paralelamente, propusemos, ao longo desses quatro meses, a elaboração de diários textuais e fotográficos a seis integrantes do *Mão na Lata*: Christine Jones, Fagner França, Jailton Nunes, Jonas Willame, Juliana de Oliveira e Larisse Paiva. Realizamos encontros virtuais semanais com esse grupo, em que líamos juntos os diários, olhávamos as fotos e conversávamos sobre as dificuldades, os achados que permitiam driblar as dificuldades, enfim, sobre as experiências de cada semana.

A prática diária da escrita e da produção de imagens, no contexto em que fomos lançados a nos isolar do mundo, ao mesmo tempo em que o mundo nos invadia por todas as telas, trouxe a experiência do presente. No início do processo, os autores dos diários relatavam a dificuldade de enxergar algo digno de nota em seus cotidianos, quando tudo parecia igual, como se o mesmo dia se repetisse todos os dias. Aos poucos, cada um foi descobrindo formas de olhar para o cotidiano, incluindo a repetição, a monotonia, o estranhamento dos hábitos, de entrar em contato com as memórias, escutar os próprios sonhos, aguçar a percepção para as coisas mínimas, afinar o ouvido para os sons que vinham da rua, dos

DIÁRIOS¹⁷

¹⁷ Os Diários na íntegra estão publicados no site www.amaredecasa.org.br. Outra versão dos Diários, re trabalhados em forma de extratos textuais e fotográficos, foi publicada em livretos individuais no site www.ims.com.br/convida/mao-na-lata/ do Instituto Moreira Salles, como parte do Programa Convida.

CHRISTINE JONES

Entre as lembranças e histórias da família, como o hábito do pai de guardar fotos da família na carteira, e seu olhar sensível, “olhos castanhos claros atentos a tudo, mesmo em meio a uma lentidão de pensamentos que ele carrega”; as histórias da infância da mãe, como uma que alerta que não se deve deixar cair fios de cabelo no chão, porque senão um pombo pode comer e a pessoa ficar com dor de cabeça para sempre; o gosto pelo café herdado da avó Lurdes “que adorava botar a cadeira na porta de casa durante a tarde com um café na mão”. Entre essas reminiscências, as notícias que chegam do mundo: a violência perpetrada aos corpos negros, como os assassinatos de João Pedro e George Floyd; os reflexos da pandemia para os moradores da Maré, essa gente que está nas ruas, porque não tem opção, “é preciso correr o risco para não morrer de fome.” Entre o passado familiar e o presente estranho, Jones elabora suas dores, olha as manchas da parede, vê o tempo que voa num piscar de olhos e se indaga: “Como escrever sobre o nada? [...], mas em que momento do dia sua mente fica vazia sobre tudo?” Num gesto automático, pega uma garrafa de água na geladeira e questiona por que está tão inquieta, o que falta... “Não era sede. Não era falta de nada que continha ali. Não sei o que falta.”

Jones sente saudade do mar, do cheiro salgado e sente que o medo seca por dentro. Tem desejos simples, como “sentar, comer um pastel e tomar um caldo de cana” ou andar com os pés descalços como quando criança. Tem saudades de ver os amigos, que a essa altura já estão mudados, um até deve ter tirado o aparelho dos dentes... Muitas coisas estão mudadas, perturbadas, como a rotina da vizinha que já não rega as plantas todas as tardes e tem um olhar triste.

Jones é atravessada por tudo em volta: os sons e as luzes da rua invadem seu apartamento, “é um exercício diário compreender sobre como as coisas refletem lá fora e aqui dentro.” E agora ela exercita olhar o mundo como quando criança, quando “plantava bananeira”, “tudo está de cabeça para baixo [...] tenho refletido muito sobre mudar de perspectiva para ver melhor. Talvez dê mais certo a partir deste momento.” E por fim, no último dia de seu diário, Jones nos provoca: “Espero que lembrem sempre que o momento de agora já escorre em muitos corpos, corpos pretos e favelados há muitos anos. E o que você faz sabendo de tudo isso?”

FAGNER FRANÇA

Sentado na viela, no caminho do tradicional café matinal na casa da mãe ou nos encontros com os amigos Zé Toré, Seu Didi, Seu Nenga, Dé e Luxa, que fica “*rabugentiando* com todo mundo”, Fagner vai colecionando histórias que viveu, ouviu e viu na Maré. Como as histórias da infância quando: “Na oitava série fui no doutor que operava bonecas, comprar olho de boneca”, a pedido da Tia Celeste que “sempre usava um vestido branco e parecia uma deusa desbocada”; ou quando brincava na praça do 18 na Baixa e o Blazer branco aterrorizava os moradores; ou quando, em março de 1997, fez de tudo para descolar uma grana para fazer uma foto na zebra. Seu avô sabia resolver os sonhos dos outros trazendo uns palpites, sua avó sabia como os urubus morrem - “muito do jeito que enxergo a vida veio da minha avó, o resto veio com a Maré.”

Vindas das casas dos vizinhos, que “são bem coladinhas, uma janela virada pra outra”, chegam informações: “A esposa do André do Beco do Coqueiro faleceu com coronavírus.” A morte ronda, seja a “morte brutal de mais um negro nos Estados Unidos”, que o fere, ou as “abordagens violentas” pelas quais já passou, “um apertão, uma revista pesada e uns palavrões

ao pé do ouvido”, que o matam aos poucos: “Inúmeras vezes, pra mim, a tal COVID-19 é só um detalhe”, desabafa Fagner. Seus “dedos das mãos e dos pés nem dão mais pra contar quantos daqui de pertinho já se foram”: o Seu Nenga, o Jhonatan, a Angélica, a Dona Dedé. “O caminho para a morte leva menos de um segundo e dura uma vida inteira.” E nem a pandemia “fez cessar ou diminuir os conflitos de civis armados” na Maré. Contradições observadas por uma *cria* da Maré: “Tanta gente partindo e tanta gente na rua brincando e se divertindo. Às vezes, me nego a entender, mas entendo bem o que é ser favelado.”

Tudo vai se tornando matéria para a escrita nesses dias em que “outra vez acordo dentro do mesmo dia [...] Olhando pro nada, ainda deitado na cama, busco meu silêncio interno para tentar ouvir o mais longe possível.” As crianças estão na rua, “tá todo mundo lá, entretanto, de uma forma diferente, como se os corpos fossem radioativos”, a quarentena adiantou o tempo das pipas. Em suas reflexões e observações, Fagner vai elaborando algum entendimento de quem ele é na quarentena: “É como se tivéssemos ódios e amores repentinos por alguém, por todo mundo ou por si próprio.” E a impermanência que revela que “tudo passa. Passa a dor, passa o amor, passa o calor. Passou um fusca, passou o padeiro e o caminhão do lixeiro, só não passa a vontade de ir para a rua”, é a mesma que o faz notar que a saudade é “um dos sentimentos que mais movem as favelas”, intensificado nesse ano, pois “além das balas, a COVID está transformando amizades em saudades.”

Fagner vive a Maré e a Maré vive nele: “Nessa Maré de encontros, você cruza bichos, *bixas*, plantas, anjos, yansãs, xangôs e diferentes entidades que atravessam por aqui, é só estar sensível para encontrar e, se possível, papear.” Assim, cruzando, papeando e escrevendo, Fagner foi elaborando formas de lidar com a quarentena: “Durante esses quatro meses escrevendo, encontrei um universo que sempre esteve aqui, mas nunca tinha tempo pra ele. Escrevendo com a luz e pintando o céu com letras, fui desenhando lembranças, revivendo histórias, cuidando do agora e viajando no meu sempre.”

JONAS WILLAME

“A vida é o único livro de todos os gêneros”, escreve Jonas em seu diário. Desde seu quarto, ele narra cenas do cotidiano da Maré: os intermináveis churrascos dos vizinhos ao som de pagode – que ele odeia; os sons típicos dos trabalhadores da Maré; o ranger dos portões que se abrem; os pés apressados que saem “todos os dias antes da pandemia, durante e só Deus sabe se depois.” Pela janela, ouve “histórias contadas de graça em uma rádio na esquina” pelos velhos na madrugada. Ainda de seu quarto, Jonas ouve brigas de casais, tiroteios e “enquanto o lixo lá fora é recolhido”, vai “também recolhendo ideias, para não ficar triste, mesmo com as razões que tenho.”

A rotina de ir todas as manhãs à padaria reserva encontros e mais histórias: uma mulher conta que nunca pega do chão moedas de 5 e 10 centavos, superstição que aprendeu com um velho; um dos atendentes da padaria cobra bom-dia de gente mal-educada; no caminho, ouve de soslaio uma garota ler no celular um verso para a amiga: “Não importa como vamos viver o dia e a noite, mas vamos viver.”

Pela janela, o mundo lá fora e a vida passando dentro. Jonas se perde “nos pensamentos assistindo às gotas d’água caírem sobre uma bicicleta que estava na rua [...], um passaporte para o passado”, lembra da felicidade que sentiu quando ganhou a primeira bicicleta do pai. Ouve sobre a morte de uma mulher em decorrência do coronavírus, “nesse dia choveu, uma sensação de tristeza entrou pela janela.” Tristeza que sentiu também ao saber da morte do Jorge, outra vítima do vírus, que tinha uma distribuidora de bebidas que ele frequentava desde a infância.

Além do seu quarto, o que entra pela janela e as breves incursões pelas ruas, há outro lugar que Jonas vive, em seus sonhos: “Meus sonhos sempre têm detalhes que se repetem. Agora, sempre caminho pelas paredes.” Em outro, “aranhas gigantes, vindas de um horizonte escuro, abocanhavam e levavam muitos.” Sonhos que se misturam com uma série de notícias que “bombardeiam” seu imaginário: “Uma doença viajou o mundo inteiro [...]

manifestações tomam as ruas. Um homem foi enviado ontem de novo pro espaço, passou ao vivo na TV. Ele foi levado até o foguete em carros automáticos, sem pilotos”; diante de tudo, ele se pergunta: “Será que estamos no fim do mundo?”

Como na vida, que é “o único livro de todos os gêneros”, Jonas passa as semanas de confinamento experimentando oscilações de humor: “[...] Na segunda estava triste, na terça já estava até animado, noutro dia da semana, que nem lembro mais, mudei de humor umas duas vezes.” E a “vida besta” segue. A escrita talvez seja como um hiato que forja algum sentido: “Hoje foi um dia comum, comi, bebi, tomei banho, parei para escrever. Sentimos muitas coisas e isso, às vezes, não é bom, mas também não mata. Se não mata, então enche, cresce. Acho que isso é o fôlego de viver.”

LARISSA PAIVA

Em casa com sua mãe e seus gatos, Larisse passa os dias entre a ansiedade, o desânimo e a desesperança, por um lado, e as memórias, as delícias culinárias e a aproximação da mãe, por outro. Se “acompanhar tudo que está acontecendo tem me deixado mais ansiosa nos últimos dias”, ou se “tem dias que é difícil ter esperança de que tudo vai melhorar”, ou ainda, se tem uns dias que “parece que estamos apenas no piloto automático esperando o dia acabar, para quem sabe, não aconteça algo diferente no dia seguinte”, há também a abertura para um outro horizonte possível: “Eu mal posso esperar para criar mais lembranças para o futuro.”

Dores e descobertas da quarentena. Larisse percebe que até as “memórias borradas são capazes de trazer um conforto, para um presente tão cheio de incertezas e inseguranças.” As memórias vão se adensando à medida que os dias passam, mesmo nos “dias que a única coisa que eu quero fazer é dormir e comer.” Ela lembra-se do antigo caderninho de receita, que está

quase esquecido no *rack* da sala, presente que deu à sua mãe quando criança; lembra-se dos momentos em que se sentava com a avó à mesa e comiam em silêncio, como “um momento que não necessitávamos de palavras”; lembra-se de quando sua mãe dizia “que não se pode tomar banho de chuva depois de comer feijão verde, porque é perigoso”, e que sua avó “adorava falar essas coisas”; a cena da mãe na varanda de casa pegando sol a faz lembrar-se de quando ela colocava sua avó sentada na varanda pelas manhãs, para pegar um pouco de sol e se pergunta: “O que será que ela pensava naqueles momentos?” Lembra-se do gato Joe, mas que sua avó só chamava de Chaninho; de que “sentar no sofá sempre fazia com que minha vó descansasse os olhos por algumas horas”; do choro pela morte das formigas que criava quando tinha uns 8 anos, “coloquei algumas formigas dentro de um Porta Tazos [...], mas quando fui abrir para brincar com elas, estavam todas mortas.” A quarentena que obriga Larisse a não sair de casa a faz entrar em si: “Eu tenho pensado muito em momentos da minha vida que são realmente significativos para mim, e até em momentos que eram banais para mim e que agora eu os enxergo de uma forma diferente”; ficar em casa cria alguns sintomas, “esse enclausuramento pode mesmo nos deixar nostálgicos.”

A banalidade e seus significados, nesses dias que passam como um *looping*, são revelados nas pequenas alegrias, como “comer as comidas que eram sagradas nos dias de domingo em qualquer dia da semana”, ou em breves *insights*: “Enquanto coloco o macarrão no fogo, penso em como o mundo lá fora continua uma loucura.” As contradições do “mundo lá fora” impactam Larisse - “não posso evitar de me sentir meio idiota por ainda limpar um saquinho de batata palha, enquanto as pessoas estão se aglomerando na feirinha aqui perto de casa”; mas também o “lá fora” surpreende: “Os sons da favela vêm ganhando novas camadas a cada semana que passa. Eu me tornei uma ouvinte assídua.” E nesse estado “à beira”, a escrita para Larisse torna-se um bálsamo: “Provavelmente, eu já teria surtado bem no começo do isolamento se não tivesse escrevendo esse diário. Um diário que se tornou minha dose

diária de sanidade. Estou escrevendo esse diário pela última vez, mas será que estou escrevendo a última parte dele? Um diário nunca tem fim e eu ainda vou precisar da minha dose de sanidade para os próximos meses.”

JULIANA DE OLIVEIRA

No início da pandemia, Juliana apresenta sintomas compatíveis com os da COVID-19. Diante da dificuldade que encontra para receber orientação e atendimento médico, ela especula: “Vivo em dois mundos diferentes” - referindo-se ao fato de estudar Enfermagem na UFRJ e, ao mesmo tempo, ter “uma carência em ser atendida por médicos especialistas para tratar de doenças que apresento.” Ciente de tal contradição, ela diz: “Estudo saúde para perder minha saúde, em uma triste referência à minha vida universitária e social.” Contradição que percebe em um dia enquanto estuda parasitologia e ouve “tiros seguidos”; ela se vê em um “mundo paralelo [...] entre a favela e a universidade”, e entende que, “além da bala perdida”, pode “morrer por parasitas oportunistas.”

Juliana reúne em seu diário um conjunto de relatos sobre sua vida e o cotidiano na Maré, como quando “o rato roeu o fio da bomba” d’água; ou sobre sua insatisfação em acordar de madrugada para ir ao banheiro, pois ela sempre ouve “barulho de discussão e violência dos vizinhos”, o que a perturba e não a deixa dormir. “Vizinhança difícil!” - ela desabafa - “e o pior é que mudam os vizinhos, mas o costume continua: brigas em cima de brigas. Briga por comida. Briga pelo latido do cachorro. Briga pelo filho não ter fechado o buraco que o rato costuma passar. Briga entre casais.” Em uma das brigas uma “mulher em um momento de desespero bateu com sua cabeça algumas vezes na lataria do carro [...] São tantas formas de violência que me atravessam, que eu nem sei mais definir minha sanidade mental.”

Há também relatos sobre as peculiaridades do seu cotidiano, como o “barulho do tratorzinho”, veículo adaptado para recolher o lixo, “é que aqui na rua onde moro não tem espaço para passar o caminhão do lixo, como tradicionalmente é em outros lugares”; outras peculiaridades como os banhos de sol na laje depois de lavar os cabelos; o hábito de colocar sabonetes nas gavetas de roupas, que depois são utilizados no banho, “às vezes não têm nem mais cheiro, mas continuam a fazer espuma e é isso o que importa.”

E a quarentena faz com que todos os dias se pareçam, se repitam: “Mais um dia sendo igual a todos os outros. Parece que o que eu faço hoje se mistura com o que eu fiz anteontem e, provavelmente, será a mesma coisa que farei amanhã. A dúvida desta vez é se o ovo do almoço vai ser frito, cozido ou em omelete.” A repetição dos dias parecidos, no entanto, tem reverses que fazem Juliana refletir sobre sua vida e o mundo, como a trágica “morte do menino Miguel Otávio de cinco anos, que caiu do 9º andar em Pernambuco.” Juliana sente-se próxima de Miguel, pois, ela diz, “temos algo em comum, minha mãe também é empregada doméstica e me criou com o fruto desse serviço. Não tinha como não me colocar no lugar dele, penso que poderia ter sido comigo há uns 18 anos atrás.” Outros lampejos que atravessam seu cotidiano a fazem perceber coisas que antes passariam despercebidas, como o passarinho que pousou no gancho da porta do quarto, ou que “existe um desenho como de uma estrela” dentro das batatas, ou a cena da mãe dormindo no sofá junto com Aron, seu gato, que a faz lembrar que fazia o mesmo quando criança...

“Assim vou levando a minha vida aqui no complexo da Maré”, resume Juliana em seu diário; e sua vida, nesse momento pandêmico e de quarentena, vai se complexificando e exigindo cada vez mais reflexões: “Às vezes, fico me perguntando sobre quando tudo isso vai acabar. E se acabar, como ficará minha vida daqui para frente? Fico muito ansiosa pensando nessa crise de saúde pública-econômica-política-territorial-coronavírus-alienígenas-lagartas-tiroteios-queimadas. Fico pensando nessa crise que é viver nesse mundo cada vez mais difícil.”

JAILTON NUNES

O desafio de escrever se apresenta para Jailton de vários modos. Ele se questiona: “Como organizar as ideias para pôr no papel, quando minha mente está tão caótica quanto o mundo lá fora?” O cotidiano da quarentena que “está enlouquecendo todos nós, uns de uma maneira mais forte do que outros”, deixa tudo mais à flor da pele. Tudo o afeta, já não consegue dormir direito e sente “uma ansiedade que não era tão presente antes da quarentena.” Ansiedade produzida ora pelas notícias, como a fala do presidente que diz “e daí” para as mortes, ora pelo que vê nas atitudes das pessoas que fazem com que a COVID-19 pareça “que já ficou para trás. Não normalizaram a quarentena, mas normalizaram as muitas mortes diárias. É como se esse ferimento já tivesse caído.”

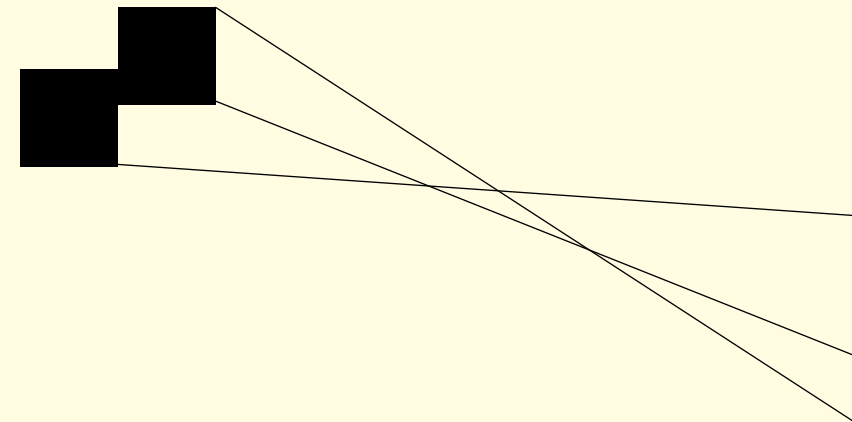
Os vizinhos ruidosos não o deixam ouvir seus próprios pensamentos ou dormir; uns martelam em uma obra, outros fazem churrasco com música alta, “como dormir escutando *na raba toma tapão?* Essas batidas de *funk* acabam com o sono de qualquer um”, desabafa; e ainda tem as brigas dos vizinhos que também não o deixam dormir, em uma delas “alguma televisão foi quebrada, alguém vai ter que pagar 400 reais e alguém está bêbado.”

Da janela vê “um senhor preso em sua casa olhando para a gaiola de um pássaro”, imagem da prisão deste momento em que o tempo dá voltas sem sair do lugar. “É como se o relógio, ao bater 00:00, voltasse no tempo, fazendo com que a gente viva o mesmo dia de novo.” Os dias seguem, mas o cotidiano na quarentena os faz “cada vez mais parecidos [...] já não sei em qual dia de quarentena estamos, passou do centésimo ou do tricentésimo?” E mesmo um dia corrido tem a sensação de não sair do lugar: “O computador foi o meu transporte. Esse novo mundo é louco. Entrevista via Zoom, curso via Zoom, *show* via Zoom [...] Passo a maior parte dos dias no quarto, tentando me isolar de tudo, acaba acontecendo o contrário, estou sendo engolido pelo mundo.” Capturado nesse “novo normal”, Jailton confessa “sentir falta daquele antigo anormal.”

Mesmo agoniado “pra cá e pra lá”, com “uma sensação como se esperasse ou buscasse por algo o dia inteiro”, ele questiona: “Mas o que eu estou procurando? Só vou saber quando encontrar”; mesmo assim, ele encontra algumas pequenas brechas que vão se abrindo nesses dias, alguns pequenos gestos: ajuda a mãe a pregar na parede um quadro de Nossa Senhora de Fátima; olha as pipas no céu, que fazem sua imaginação voar alto e o levam àqueles “dias que ia na praia, nas pedras do Arpoador”, sozinho ou com os amigos. Sente saudades da infância, daqueles “dias simples” em que a família ficava reunida “na sala, esperando os salgados ficarem prontos para comer assistindo à Sessão da Tarde”. Bebe café sentado na cama e o frio que vem de fora faz com que cubra as “pernas com um edredom de algodão, presente que ganhei de minha avó há alguns anos.” A saudade da avó chega com o frio. E “em meio a todo esse caos” um milagre acontece: “quarta feira, 1º de julho, às 16h30, nasce Cecília Oliveira Nunes, minha sobrinha.”

Jailton não sabe como terminar seu diário. Ele pondera: “Poderia dizer que o medo da COVID-19 ainda existe em mim. Que a tristeza das inúmeras mortes cada vez aumenta. Poderia dizer o quanto mudei do início da quarentena até agora. O quanto eu aprendi sobre mim mesmo. O quanto eu percebo que estou mais sensível às coisas.” No entanto, ele brinca: “Enquanto não encontro um jeito, pego a sacola, a máscara e vou ao mercado. Acabou o arroz.”

TRECHOS DOS DIÁRIOS





dia 17/06

Hoje eu tirei meu corpo para dançar. Sinto falta de sair aos sábados à noite para ir ao baile Charme, ou qualquer outro evento que contenha música para dançar. Enquanto danço sob a lua que chega durante a noite, lembro dos dias que passava dançando com amigos até o amanhecer. Sinto falta de ir aos bailes da minha favela. Falando assim, vocês devem achar que danço muito, mas não. Não sou uma boa dançarina, mas acredito que existe uma potência bem grande no ato da dança. O corpo fala de diversos modos, para só, e observa. Você vai saber o que o corpo conta com o simples dançar. Adorava observar tudo isso durante a noite, contar minhas histórias com o meu corpo também. Danço do meu jeito, extravaso o estresse de diversas coisas. Falo de alegrias, conto conquistas e por aí vai... Me renovo ao dançar. Sinto falta da liberdade que existia em meu corpo.



dia 04/07

Desde muito nova tenho mania de anotar coisas e ir tentando cumprir o que estiver na lista. Hoje, arrumando a estante do quarto, encontrei vários papéis com anotações, várias listas de coisas que eu precisava comprar, ou de obrigações que precisava cumprir. O que me chamou a atenção foi a quantidade de coisas que se repetiam em vários papéis, de quantas coisas foram se arrastando como tempo e não foram cumpridas. Olhei papel por papel, me incomodei com aquilo. Tentei pensar sobre o porquê de tantas coisas não cumpridas. O pior é que eu nem me lembrava daqueles papéis e já tinha outro igual a esses dentro de um caderno em cima da estante. Mais uma lista de anotações de coisas que precisava fazer e não podia esquecer. Depois de ler cada papel, fui rasgando um por um, decidi começar do zero e ir aos poucos, com uma lista bem menor agora, de no máximo cinco coisas. Depois que terminar essas cinco coisas, inicio outra com mais cinco. O melhor é ir aos poucos, para não me perder no meu objetivo e tudo virar uma pilha de folhas acumuladas na parte de cima da estante.

Trechos do diário de Christine Jones



dia 14/07

Acordei pensando no que pode ser arte, no que é arte. Pensei no nome Apolo pro meu filho. Pensei em jogar dois reais no bicho, duque de dezena 72x09. Muitos pensamentos na cabeça e nada resolvido, nada construído. Não ganhei no bicho e não escolhi o nome pro meu filho. Ficar atento a tudo, o tempo inteiro, é muito difícil.

Comecei a semana com todos os sintomas da COVID, todos aqueles que sabemos e alguns outros ainda, para acrescentar à minha agonia e medo.

Nasci pobre, mano, não ter dinheiro na maior parte da vida faz a gente encontrar outras formas de se cuidar. Mas tem uma galera, acostumada com tanta maré mansa, que acha fácil mandar a gente, que não tem, fazer. Maluco *brancão* não saiu de casa nenhum dia, porque tem quem faça por ele. Aqui, se não trabalhar não tem como viver, não tem como comer, pagar aluguel ou sobreviver.

Tem uma galera branca que vive querendo ensinar pobre, preto e favelado, como se fosse melhor, mais inteligente, mais foda. Mano, existem saber e saberes distintos. Brota no beco e troca uma ideia com uma criança, ou com uma coroa pra ver o quanto vai aprender. Na verdade, nem brota, fica aí. Continua acreditando que você aí tem a salvação pro mundo, que é a salvação pra tudo.



dia 07/06

Tenho tido muita dificuldade para escrever e fotografar. Leio muito e tô sempre fotografando. Mas tem algo acontecendo comigo que me trava, minha mente virou um labirinto e meu coração chora. Entretanto, o Racionais MC's, numa frase de sua música, diz que está tudo aí pra nós, é só saber chegar.

O dia parecia que não ia começar, nublado, escuro. Acordei de ressaca, mesmo sem beber. Todos os dias têm sido assim. Bate uma vontade de sair abraçando todo mundo, bate uma vontade de tirar a máscara e falar bem pertinho das pessoas, até receber uma salivada da fala molhada do Dé, que vai contando histórias e aumentando os contos com inúmeros pontos, até terminar numa trovoada de risadas.

Saudade de tudo, mano, tudo mesmo, saudade até de pegar o 355 lotado pra Madureira, ou voltar da ZS dormindo no busão e perder o ponto de casa.

Trechos do diário de Fagner França



dia 12/08

Quarta, é tanta coisa acontecendo e tantas palavras para selecionar, esse diário é uma centelha, quase um filho da minha alma e expressão dela. No fim de semana, além do Dia dos Pais, soube que era sábado pelo caminhão que carregava caixas de som, confirmando que ia ter baile. Eles voltaram! Esses bailes enchem de táxi a frente da favela, lota as kombis e ônibus de manhã. E de *mijões*, sempre faço cara de sério pra eles e eles ficam com cara de medo (dessa parte eu gosto, assustar eles). O ruim é que a pandemia não acabou, mas acho que Deus tá protegendo as favelas, elas já têm sua cota de morte por tanta opressão e descaso do Estado. Preciso de um pouquinho de paz, enquanto o mundo se acaba lá fora.



dia 04/05

Acordando às 4h, ouço uma mulher discutindo com o seu namorado. Ela pede que ele não a toque, mas parece que ele acaba a machucando. Lá fora, na rua, essas coisas. Não há nada que se possa fazer.

Olho, pela janela, um bêbado falando sozinho e se segurando em um concreto. Vão passando as horas.

Já de manhã, alguns tiros. A semana começa com um gosto amargo. Ontem, o presidente desfilou sem máscara. Tudo se alinha para ser um dia triste. Me sinto empático. Tantas coisas acontecendo, que não tive tempo para processar. Meio sonolento, escrevo para deixar esvaír as emoções. Enquanto o lixo lá fora é recolhido, vou também recolhendo minhas ideias, para não ficar triste, mesmo com as razões que tenho. Que foto posso fazer para representar isso tudo, além do breu que 2020 tem impregnado?

Trechos do diário de Jonas Willame



dia 20/06

Todos os dias, pela manhã, minha mãe prepara suco de laranja, ou suco verde, para nós duas. Ela diz que é bom para aumentar a imunidade. E como quase sempre, ela está certa. Enquanto minha mãe pega o mel para adicionar no suco, ela me conta que meu avô tinha uma criação de abelhas no Norte. Quando ele tirava o mel, ela aproveitava para pegar um pouco para comer com farinha, já que adorava comer o mel dessa forma. As lembranças se fazem cada vez mais presentes, continuo aprendendo um pouco mais sobre as histórias da vida da minha mãe.



dia 14/06

Enquanto eu limpava o meu quarto, notei algumas formigas que saíam de uma pequena brecha que tem na parede. Lembrei de um momento da minha infância: eu devia ter uns 8 anos e decidi que iria criar formigas, já que naquela época eu não podia ter gato ou cachorro. Em um determinado momento, eu coloquei algumas formigas dentro de um Porta Tazos, aquele que vinha no biscoito e guardei num cantinho. Mas quando fui abrir para “brincar” com elas, estavam todas mortas. Eu me lembro de ter chorado muito, enquanto minha mãe tentava me consolar. Na mente de criança, eu tinha feito a coisa certa, não entendia porque tudo tinha dado errado. As recordações desses momentos de inocência da infância me arrancam um sorriso do rosto. É sempre bom pensar em algo que aquece seu coração em momentos tão difíceis.

Trechos do diário de Larisse Paiva



dia 10/05

De manhã, depois de mais de 4 dias, fui lavar meu cabelo, para que, na hora do almoço, já estivesse seco e cheiroso. Motivada pela minha mãe, após a lavagem dos cabelos, fui tomar sol, lá na laje. Nesse período, aproveitei para conversar com ela sobre muitas coisas. E isso foi muito bom!

Lá de cima, consegui olhar um pouco da rua. Senti o vento bater, enquanto o sol me deixava quentinha. Os pombos voavam e descansavam no beiral das casas.

A cada dia estou me sentindo melhor, não sinto mais febre nem dor no corpo. Estou respondendo positivamente ao tratamento, com a ajuda e o carinho que só minha mãe tem.

Ter ido para a laje foi uma das melhores coisas que eu fiz nessa semana, me senti em um lugar diferente, foi libertador!



dia 22/06

Vejo minha mãe na janela conversando com uma pessoa. Pergunto quem é.

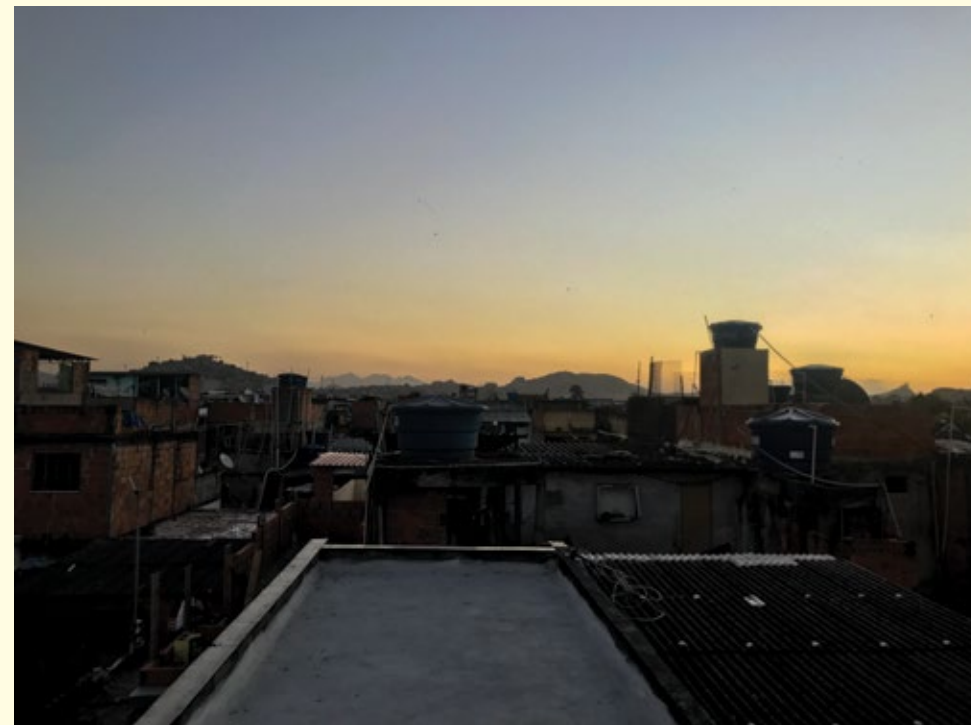
Ela responde que os vizinhos tinham dito que lá na associação de moradores estavam dando botijão de gás, mas para receber tinha de ter o casco do botijão. Tínhamos, mas ainda faltava uma coisa: colocar o nome para ser chamado. Minha mãe desistiu e eu não fui. Mas era uma grande oportunidade, igual quando ficamos sabendo, horas depois, que estavam distribuindo ovos de graça na rua de trás. As oportunidades são assim, se você não for esperto, passam e nem se vê.

Trechos do diário de Juliana de Oliveira



dia 29/06

Outra segunda-feira. Já não sei em qual dia de quarentena estamos, passou do centésimo ou do tricentésimo? Amanheceu um dia chuvoso, por isso não segui minhas corridas matinais. Fiquei ali, esparramado na cama entre cobertores e travesseiros. Aos poucos, o dia foi ganhando calor. O sol apareceu, confesso que já não esperava mais por ele... Tinha perdido aquela disposição para correr. O Garfield se instalou no meu corpo. Alienado, fiquei pulando amarelinhas entre canais da televisão, procurando algo para assistir que não fosse sobre tragédia. Me deparei com um comercial sobre o filme que vai passar na Sessão da Tarde. Estou ansioso para ver, vai ser o ponto-chave do meu dia. Confesso que essa vontade de assistir à Sessão da Tarde não é pelo filme em si, mas pelo aconchego que sinto. A sensação que me veio ao ouvir o comercial na TV foi a mesma de quando era criança. Quase todas as minhas tardes eram da mesma maneira, deitado no sofá, assistindo a filmes na Globo. Perdi a conta de quantas vezes assisti *Lagoa azul*, não vou nem falar sobre *Diário da princesa*. Seja qual fosse o filme, era bom de se ver, ainda mais por conta do horário. Sempre que o filme acabava, estava perto da hora dos meus pais chegarem de mais um dia de trabalho. Lembro que minha irmã e eu disputávamos para ver quem seria o primeiro a abraçá-los e, claro, pegar os doces em seus bolsos ou bolsas, que eles traziam pra gente.



dia 23/05

Os vizinhos estão extremamente barulhentos, hoje. Da sala, escuto marteladas, provavelmente os vizinhos de baixo estão fazendo obra em casa. Do quarto, escuto música, mais uma vez os vizinhos de trás estão fazendo churrasco. Da cozinha, também escuto música, mas do bar de frente da minha casa. Como se não fosse o suficiente ter seis pessoas aqui dentro de casa, que já causam bastante barulho, ainda tô escutando os barulhos das outras famílias. Mal consigo ouvir meus próprios pensamentos. Então, subi para o canto mais alto da minha casa, a laje. Lá, eu tenho uma visão privilegiada da Maré. Já era pôr do sol, então aproveitei para ficar sentado e admirando. Os barulhos passaram a ficar bem distantes e já não me incomodavam mais. Viajando ao olhar as nuvens, consegui ir para um lugar de silêncio, tão silêncio que acabei cochilando. Quando acordei, já eram 8 horas da noite.

Trechos do diário de Jailton Nunes

DA MINHA JANELA

Entre os meses de maio e agosto de 2020, fizemos chamadas públicas para que moradores/as da Maré nos enviassem fotos e textos, mostrando e contando o que viam de suas janelas e como a pandemia e a quarentena estavam impactando suas vidas. Foram 76 participações, publicadas em duas galerias no *site* www.amaredecasa.org.br. Também promovemos dois concursos para a escolha de fotos e textos mais votados pelo público.

As pessoas que se dispuseram a fotografar e escrever trouxeram à tona uma variedade de temas e pontos, a partir dos quais pudemos reconhecer percepções, dificuldades, anseios, formas de lidar com a situação imposta pela pandemia e como veem a Maré e seu cotidiano. Reunimos, aqui, um breve apanhado de alguns temas e pontos recorrentes, comuns aos participantes e algumas imagens e textos produzidos:

PÁSSARO NA GAIOLA

O confinamento, a quarentena, o distanciamento físico são condições contrárias à sensação de liberdade. Camila Mendes, por exemplo, confessa que sente inveja dos pássaros, “aqueles que têm tudo o que a gente quer: o ir e vir sem preocupação. Alguns parecem debochar de nós durante o canto matinal, estão sempre em duplas e um deles deve dizer: –Olha lá quem está en gaiolado! Talvez agora aprendam alguma coisa! –Acho que não, dirá o outro.” Roberta Maria de Carvalho Andrade, dentre tantas coisas que vê pela sua janela, enxerga “um mundo de possibilidades, que aguardam sua liberdade para serem executadas”, diz ela: “Vejo um dia lindo que não pode ser aproveitado, pois estamos trancados, como passarinhos na gaiola.”

MEDO, DEPRESSÃO, ANSIEDADE

Esses estados foram muito mencionados nos relatos dos/das autores/as; ora como sintomas observados nos outros, como comenta Brenda Souza Fernandes da Silva: “Quando apareço no portão, sempre curiosa com os rostos que me parecem sempre novos, reparo no que eles, os rostos, têm em comum: o desespero no olhar, o medo... quase nunca esses olhares me transmitem esperanças.” Ora observados em si mesmos, como relata Vania Silva: “As notícias de infectados e mortes dentro da comunidade influenciaram muito para que o medo e a depressão aumentassem”; e como Camila Martins de Souza observa: “Tenho muitas crises de ansiedade, que você não sabe se tá morrendo ou se é só mais uma crise [...] isso tudo te afeta de tantas formas que você não sabe se tem mais medo de morrer, de não conseguir pagar suas contas, ou de seus filhos pegarem esse vírus que tá destruindo muitas famílias. Você vê que outras pessoas à sua volta não tão se cuidando e você pode morrer pela falta de prudência delas. É uma mistura de tristeza, desespero e raiva, junto com medo”; e ainda Ana Beatriz dos Santos Siqueira: “Nunca pensei que a minha geração fosse passar por um momento como os dias de hoje, vivo aflita com as incertezas [...] às vezes, fico nervosa e com medo de tudo isso minar minhas chances de chegar à universidade pública.”

FÉ EM DEUS

“O que eu vejo na minha janela é a certeza em Deus de que tudo isso vai passar”, escreve Maria Josilene. A fé em Deus acalenta e traz a certeza da superação das dificuldades, como relata Sandra Solange Paiva dos Santos: “Tenho tentado de todas as maneiras suportar esses dias difíceis, mas confesso que, às vezes, choro [...], mas meu choro não é sinal de fraqueza. Lavo o meu rosto nas lágrimas e tenho fé que o Senhor recolhe as minhas lágrimas me tornando mais forte a cada dia. Meus sonhos, planos, projetos e vida estão nas mãos de Deus.” Ana Cristina da Silva dos Santos nos conta que “estar de quarentena é viver guardado, com a certeza de que o que tá dentro protege o que está fora [...]. É se aproximar mais de Deus e ter a certeza de que depois que tudo isso passar teremos que ser pessoas melhores.”

VAI PASSAR, DIAS MELHORES VIRÃO

Se as dificuldades são enormes e as condições de vida cada vez mais precárias, está também presente, talvez na mesma proporção, a esperança de que tudo isso vai passar e que “dias melhores virão”. Karen Barros nos confirma isso ao dizer que: “Isso que estamos vivendo vai passar. Nada é por acaso, no final tudo serve... nem que seja só de aprendizado.” Matheus Siqueira Eusébio elabora sua esperança, dizendo: “Apesar do medo, das aflições, da ansiedade... mantenho a esperança e acredito que tudo vai voltar ao normal. É só uma fase ruim, vai passar.” Gabriele da Silva tenta se confortar, acreditando na superação: “Por mais que a pandemia tenha me prejudicado em relação ao meu trabalho, pois pago aluguel, moro sozinha, eu que faço as compras dentro de casa e mesmo assim tento não desacreditar... Dias melhores teremos e isso tudo vai passar.” Carlos Henrique Vieira da Cunha vê na coletividade a superação mútua: “Eu daqui, vendo todos esses fios que se conectam, me sinto acalentado e com o coração mais quente, na esperança de que esta brava gente sairá logo dessa e tudo será diferente! Serão, hão de ser, dias melhores pra essa

brava gente!”, assim como Natália Fernandes dos Santos afirma: “Apesar de todo o medo, sigo acreditando na minha Maré, acreditando no dia que todos os moradores terão consciência e que esta fase vai passar!”

A FAVELA

Kamilla Valentin Silva manifesta contundentemente sua condição de moradora de favela: “A gente sabe que, por muitas vezes, nosso direito fundamental à vida nos é tirado de maneira brutal, como o caso do menino João Pedro, Marcus Vinicius, Ágatha e tantos outros. Meu apelo é que, neste momento, a gente continue fazendo o que sempre fez: encontrando maneiras criativas para sobreviver. A favela sempre encontra fragmentos de céu azul e faz revolução!” Cristian Santos Gomes salienta características culturais e afetivas da favela: “Precisamos manter firme essa cultura (que veio e foi criada pela gente) de ‘ninguém solta a mão de ninguém’, ‘bota mais água no feijão que dá’, ‘sai de casa não, pois está agitado’ [...] a favela vem me comprovando, durante a pandemia, que é mais do que um lugar; a favela é uma casa, é uma família.” Anna Maria de Oliveira menciona as ações da sociedade civil e da comunidade no enfrentamento da pandemia: “Agradeço ao meu bom Deus e a Redes da Maré por todo apoio, a mim e a outras famílias, dando atenção a cada ligação, a cada preocupação. Isso me confortou muito nos piores dias. Obrigada a todos vocês que são anjos da comunidade, pois é quem está nos salvando e sou grata.” Ricardo de Araújo Xavier expõe a sobreposição de violências e o descaso do poder público pelos moradores das favelas: “Não queremos o normal, pois no normal, nós, da favela, já morreremos. Mas queremos no pós-pandemia um mundo menos desigual e mais justo [...] têm sido dias difíceis, têm sido dias que reviraram meu eu, me levaram a encarar a morte. Não que seja novidade, até porque quem mora na favela sabe qual a lei da polícia genocida, que nos quer ver mortos.”

O QUE SE VÊ PELA JANELA

“A janela de casa também é válvula de escape para o enclausuramento diário”, escreve Izabel dos Santos Camargo. A janela, ou então, o lugar do observador, ainda que separe o dentro e o fora, aquele que vê e aquilo que é visto, aproxima essas duas instâncias de alguns modos, num jogo de espelhamentos, como afirma Ana Lya Mello Souza: “Daqui eu consigo ver as pessoas passando, a pista do BRT, os carros passando e meus sonhos esperando por mim.” Larissa Alves da Cunha Souza olha pela janela a fragilidade da existência: “Nessa pandemia, vi pessoas que passavam pela minha janela todos os dias com um sorriso no rosto serem levadas mais cedo.” Pela janela também se vê a projeção do futuro, como colocado por Fernando Inácio Francisco: “Vejo pela minha janela a esperança da normalidade, mas não podemos voltar mais à normalidade de antes. Temos que mudar. Será que vamos realmente mudar, quando tudo isso passar? Será que vai passar? Sim, vai passar. Mas algo, certamente, vai mudar. Voltaremos às ruas com mais sede de viver, de aproveitar cada segundo de nossas vidas.” Pela janela se vê, ainda, o espelhamento do presente, que por vezes se duplica em outros reflexos, como dito por Rodrigo Alves, que da sua janela nota “as crianças em casa e a pracinha vazia”, que o faz lembrar de “como a favela fica quando tem invasão da polícia.”

Olhar pela janela é um imperativo, para Jefferson Melo: “Pare e olhe através da sua janela, observe o valor da convivência, do céu, da vida [...] Olhe através de sua janela o céu, o azul, o sol e deixe que essa luz te mostre a esperança do amanhã, encha-se. Olhe através de sua janela.” Imperativo próximo ao que Allan Farias da Silva declara: “Use a janela como um quadro”; ao que Francisco Valdean parece atender: “A minha janela é uma tela.”

APRENDIZADOS

Se a vida te der limões, faça uma limonada, diz o dito popular que joga com a reversão e a superação das dificuldades. Aprender na adversidade aparece em diversos relatos, como neste, de Marcelo Wance Soares: “Essa pandemia nos fez frear de uma maneira tão brusca, que tivemos que nos reinventar e por que não, aprender a enxergar coisas que antes, com um simples olhar, não conseguíamos ver.” Julie Oliveira argumenta que “nada na vida é permanente” e é nisso que ela se apegua “para não surtar – de novo”, e que de tudo o que aprendeu “olhando pra fora, o maior ensinamento foi olhar pra dentro. Me enxergar de forma gentil e cuidadosa, de forma que todas as janelas da minha alma fossem abertas e eu descobrisse novos mundos e possibilidades escondidas em mim.”

Gustavo Pablo Januario Vieira descobriu “novas formas de viver e aprender dentro de casa”; Amanda Baroni acredita que “muitas pessoas tenham tido momentos para refletir sobre esse período de quarentena, olhar pra dentro, ou melhor, olhar melhor para as coisas”; e esses momentos de pausa da quarentena a fizeram aprender algumas coisas: “Aprendi a sentir. Sentir meu corpo. Sentir o gosto da comida. Sentir o silêncio e a tristeza.” Algo próximo do *insight* que James Maré teve em sua laje, escrevendo no caderno: “Caiu uma ficha pesada e redescobri, mais uma vez, que preciso me amar. Eu quero reaprender, como nunca antes, a me amar. Mas penso: Qual é a qualidade, qual a natureza, qual o tipo de amor que eu quero amar? Quero aprender a me amar segundo um amor sadio.” Fábio Oliveira Guimarães afirma que pelo menos um aprendizado pode-se tirar deste momento: “Neste ano nos foi tirado tudo... restaram apenas os olhos e tudo passou a ser dito pelo olhar... Se sairmos desse ano sem sabermos, pelo menos, olhar nos olhos uns dos outros, este ano terá sido realmente perdido.”

Esse clique representa meu aprendizado nesse momento.



Acredito que muitas pessoas tenham tido momentos para refletir sobre esse período de quarentena, olhar pra dentro, ou melhor, olhar melhor para as coisas. Eu nunca tinha reparado a vista da minha laje, de fato, até ter somente ela para meu lazer, como dançar ou tomar um sol, por exemplo.

Dentro desses dois meses de isolamento, senti que na minha rotina anterior estava “tentando” isolar sentimentos e pensamentos mal resolvidos, estando sempre ocupada e com os barulhos da rotina na cabeça.

Enquanto muitos falam que o Brasil não pode parar, eu penso o quanto é importante parar. Uma amiga disse uma vez que as pausas também são movimento. Eu vi o movimento da natureza em se limpar, na nossa pausa – o que transforma a afirmação dela numa verdade. E eu estou me curando de inúmeros sentimentos e pensamentos nessa pausa.

Aprendi a sentir. Sentir meu corpo. Sentir o gosto da comida. Sentir o silêncio e a tristeza. Aprendi também a sentir um pouco mais de gratidão por poder ver o dia nascer e entardecer, com competições de pipa animadas no fim de semana. Passei a ser mais grata por ter um espaço que me permita ver isso e ressignificar o valor da vida e do que é a felicidade, em sua simplicidade.

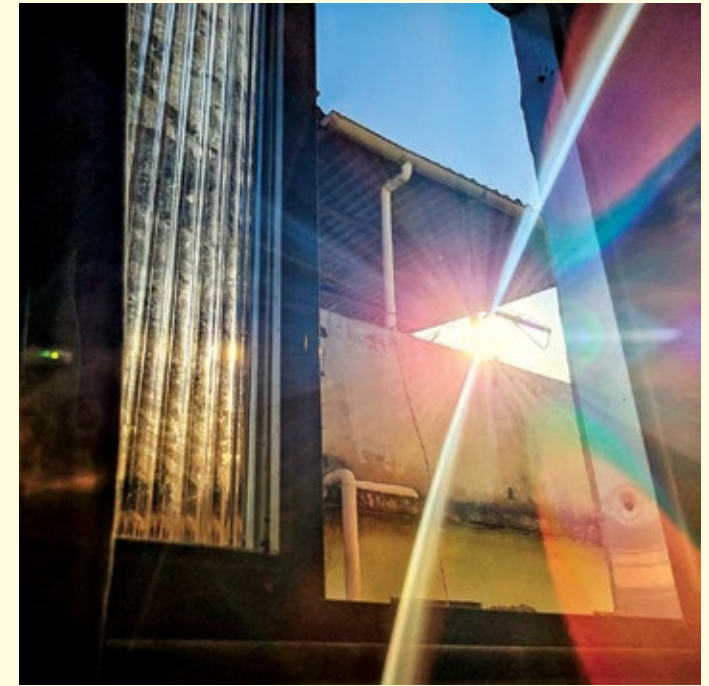
O que consigo ver são as casas em volta e uma parte da Rua Teixeira Ribeiro. Perco um pouco do horizonte por conta de as casas terem alturas semelhantes. Mas o pôr do sol é lindo sempre. O ângulo de visão é da Rua São Luís.

Amanda Baroni



Respira, não pira!
Respira, não pira, a ansiedade grita.
Todos os dias é uma batalha pra manter a sanidade em dia.
O mundo mudou, essa é a nossa realidade agora, quem diria.
Vejo pela minha janela a esperança da normalidade, mas não podemos voltar mais à normalidade de antes. Temos que mudar. Será que vamos realmente mudar, quando tudo isso passar? Será que vai passar?
Sim, vai passar. Mas algo certamente vai mudar. Voltaremos às ruas com mais sede de viver, de aproveitar cada segundo de nossas vidas.
Respira, não pira, medita.
Os dias passam iguais, não sei se hoje é segunda-feira ou domingo, não sei mais o que está acontecendo comigo.
Tem dias bons, que acordo, me exercito, escrevo, estudo, leio, sorrio...
Outros dias nem tanto, apenas sobrevivo.
Tenho altos e baixos, às vezes acho que estou me acostumando com isso.
Respira, não pira, se permita.
Permita-se se escutar, fazer nada também é fazer alguma coisa. Hoje fiz vários nadas e foi ótimo! Desacelere um pouco, se dê um tempo.
Respira, não pira, acredita.
Vai passar!

Fernando Inácio Francisco



Ziiiiiiii, Tec-Tec-Tec, “Cadê a máscara, Dona Maria?” [...] “Mais um dia que a fofoca tem que rolar de janela pra janela...”
Bom, da janela do meu quarto, eu mais escuto do que vejo. Não sinto tanta atração em ficar vigiando com os olhos, mas não posso negar que a parte sonora é um tanto divertida para uma perspectiva de isolamento social.
Ver/ouvir meus vizinhos se adaptarem, a vida ter de seguir normalmente (mesmo sem ser o ideal) por motivos financeiros e esse brilho do sol que projeta esperança fazem parte da minha rotina de “janeleiro”.
A vida anda um tanto mudada, pois o isolamento traz companheiros indesejados, como o estresse, ansiedade, compulsão, entre outros... Porém, não posso deixar de notar este calor humano que a favela tem, esta esperança que a comunidade passa e a empatia que infiltra nosso solo favelado, e faz com que seja menos agressivo ultrapassar esta fase.
A pandemia tem me feito refletir... Tem me feito questionar sobre os meus, sobre a perspectiva e a preparação que é destinada para eles/nós (meu povo).
Como também me faz refletir sobre quem está aqui para nos orientar e acolher em momentos delicados. Sobre entender que é *noix por noix* e que momentos de instabilidade, como este, nos mostram o quanto precisamos manter firme essa cultura (que veio e foi criada pela gente) de “ninguém solta a mão de ninguém”, “bota mais água no feijão que dá”, “sai de casa não, pois está agitado”. São ações como estas que me motivam a estar atento no que vem da janela. Pois a favela vem me comprovando, durante a pandemia, que é mais do que um lugar; a favela é uma casa, é uma família.

Crístian Santos Gomes



Pela janela, vejo outras janelas. Essas outras janelas não me veem, pois estão todas fechadas. Antes, via-se todas elas abertas, permitindo o som, o ar, a música, as vozes entrarem. Entre os emaranhados dos fios, viam-se olhos e vozes se encontrando. Ouvia-se “vizinho, olha o feijão!” Nem isso mais... Lá fora tudo tá cinza... Estamos num período conturbado, preocupante... Sem abraços e beijos. Há quem precisa sair... Há quem sai sem precisar... Há quem precisa não precisar... Há quem não precisa... Ah, cês entenderam! Por aqui a vida continua, mas não como antes... Vai demorar a ficar como antes... Por enquanto, use a janela como um quadro. Entretanto, aproveite o tédio. Vamos nos conhecer, ler, ver séries, amar quem está do nosso lado... Fazer nada também é bom! E quando voltar, cantaremos Tarde Vazia, do Ira! Novamente...

Allan Farias da Silva



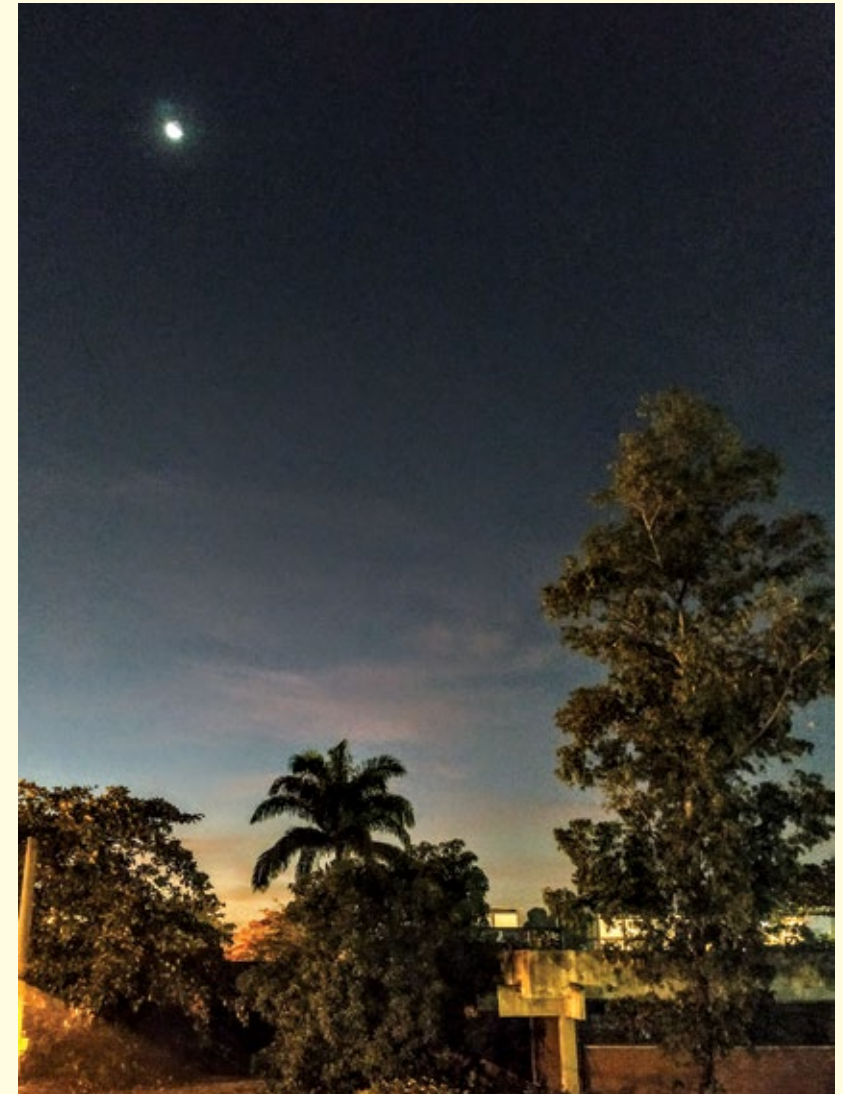
Eu vejo tudo isso da minha janela, eu que tenho esse privilégio na minha favela. Fazia muito tempo que não tinha janela. A minha janela era a rua. Eu sei que a pandemia é uma tragédia, mas a mim ela deu uma janela. E essa janela me deu essa vista.

Leonardo da Silva



Eu olho essa foto e imagino que cada pontinho desses é uma casa, cada casa uma família, como se o céu tivesse descido pra Terra e transformado as luzes em estrelas na Terra! Mas a realidade é outra. Assim como a foto pode ser bonita, pode ter um lado sombrio, com pessoas sofrendo com a violência ou com a fome. Mas uma coisa eu sei: tudo depende da fé e a fé é inabalável, independentemente de religião. Que isso passe logo!!!
Nessa pandemia, vi que meu olhar fotográfico voltou mais forte.
Depois de tanto tempo, ele nunca saiu de mim.

Felipe de Oliveira de Lima



Olha que coisa mais linda é o anoitecer na Maré.
Que possamos ter mais dias como esse... Que paz!

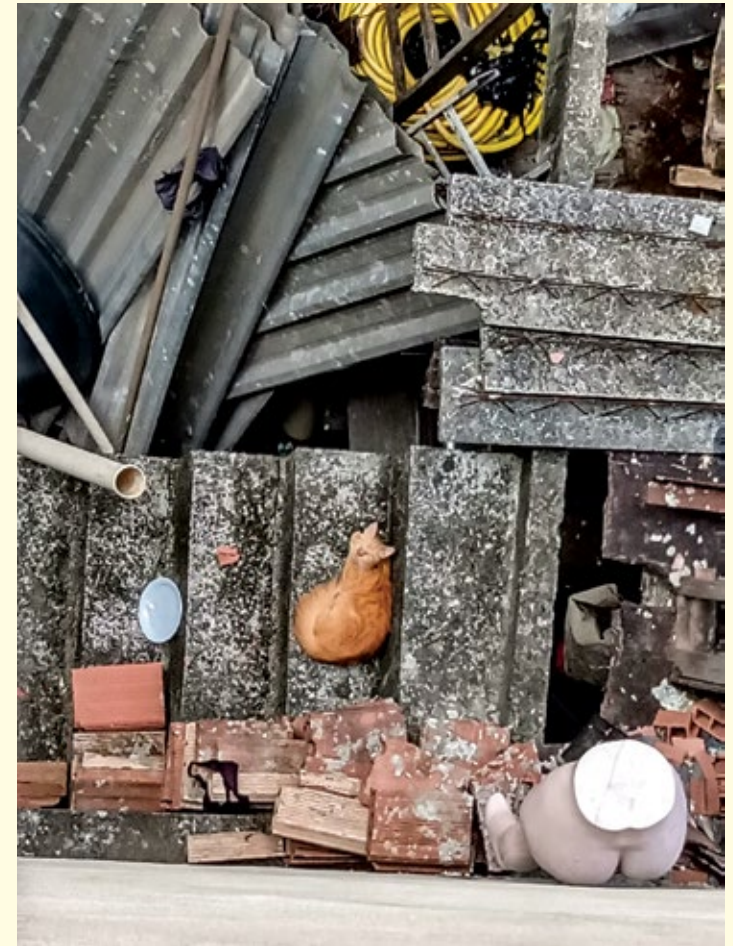
Silvana Costa da Silva



O outono e a pandemia

Da loja de doces do meu pai fico acompanhando as árvores resistentes. Percebo que elas querem me dizer que o doce maior vem da mãe natureza. Elas ficam próximas da Escola Municipal Professor Paulo Freire, o patrono da Educação. Ele que nos ensina a amar o saber. Essa sabedoria que nos diz sobre o nosso meio ambiente, que hoje ressurge das cinzas, para afirmar que nem a pandemia pode calar o grito do planeta. Que apesar da negligência do ser humano, é possível olhar as árvores e ver que nem a poluição é possível silenciar, que estamos no inverno e que árvore é vida.

Hélio Euclides



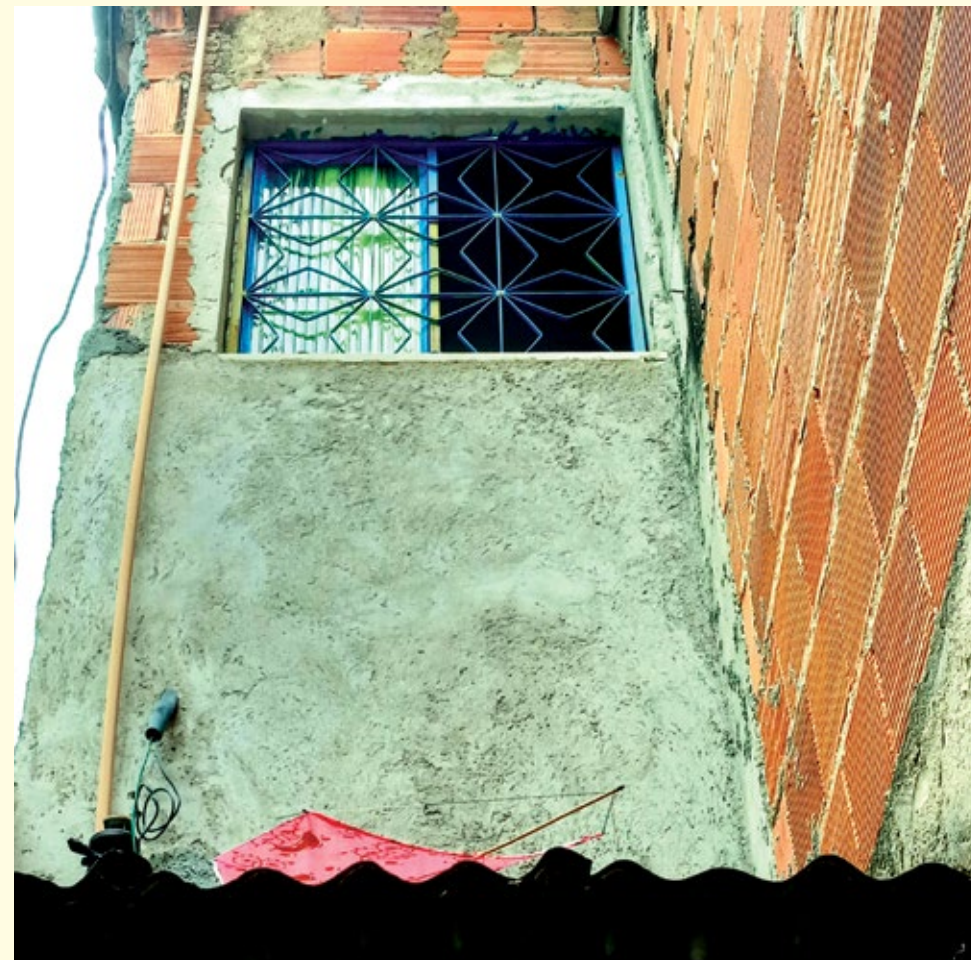
Perdi o foco e fiquei dias perdida, como um barco à deriva, que só ficou destroçado, boiando após uma forte tempestade. Mas agora, com o passar dos meses, a angústia diminuiu, o desespero passou, a cabeça voltou para o lugar. E hoje, quando olho pela “janela lateral do quarto de dormir”, não vejo apenas desordem, consigo ver as pequenas, mas preciosas coisas boas que a vida pode mostrar, a quem está disposto a ver e enxergar. Como esse filhote de gato fofinho olhando pra mim. Hoje me permito ver as coisas boas também. E se o desespero voltar a apertar o coração e me der vontade de chorar, que eu possa apenas levantar a cabeça e contemplar o céu! E quando for o dia de sair da concha, quem sabe eu possa sair como uma pérola, que só sai da ostra que foi ferida. Afinal, a vida são essas feridas, cicatrizes e marcas que carregamos e percebemos quando nos olhamos na janela chamada espelho.

Izabel dos Santos Camargo



Em casa, eu me apego aos livros, pra tentar fugir do tédio do isolamento e manter minha saúde mental boa. A insegurança e medo são constantes, em meio ao caos que estamos vivendo. Espero conseguir chegar, ao final disso tudo, bem e tranquila. Com os livros, consigo viajar e conhecer vários lugares sem sair de casa. Tenho mergulhado de cabeça na literatura brasileira, para fomentar minha leitura e obter conhecimentos, mesmo afastada do pré-vestibular. Os livros são minha bússola, meu Norte. Creio em um futuro melhor e seguro para todos. Um futuro aonde eu possa sair e viajar, não só nos livros, mas na vida real também. Um futuro aonde eu possa abraçar as pessoas. Um futuro aonde as pessoas são mais conscientes e responsáveis. Um novo normal.

Luana Rodrigues Ferro



Ela caiu do céu. Não foi chuva, não foi bala. Foi uma pipa! Acompanhei uma dança sem ritmo desse objeto colorido e me deu uma alegria imensa. Ela tinha outras 140 mil casas para visitar e escolheu a minha. Sei que não foi por acaso, percebi que a quarentena fez os meninos aproveitarem as lajes do melhor jeito possível: soltando pipas. Mais do que antes. Assim, temos mais pipas à venda. Temos mais motivos pra curtir o céu e se distrair da pandemia. Não falo de sofrimento nem dor. Falo de esperança.

Thais Cavalcante da Silva

Agradecemos a Andrea Blum, Daniele Moura, Deborah Lima, Fagner França, Francisco Valdean, Filipe Mendonça, Geisa Lino, Jéssica Pires, Lais Batista, Letícia Souza, Marina Lutfi, Maíra Gabriel, Marcia Farias, Pâmela Carvalho, aos moradores da Maré que aceitaram o convite para olharem através de suas janelas e partilharam conosco suas reflexões sobre esse momento desafiador, e aos familiares dos autores dos diários que se deixaram retratar durante o projeto.

Autores participantes da galeria **Da minha janela:**

Adrieli Rodrigues Mello, Allan Farias da Silva, Amanda Baroni, Ana Beatriz dos Santos Siqueira, Ana Cristina da Silva dos Santos, Ana Lya Mello Souza, Anna Maria de Oliveira, Antônia Maria Rodrigues, Brenda Souza Fernandes da Silva, Camila Martins de Souza, Camila Mendes, Carlos Henrique Vieira da Cunha, Christine Jones, Cláudio Dias Gomes, Cleide Ferreira da Silva da Costa, Crístian Santos Gomes, Edna Patricio, Eliana Avelino dos Santos, Eunice Paiva dos Santos, Fabiana da Silva, Fábio Oliveira Guimarães, Felipe de Oliveira de Lima, Fernando Inácio Francisco, Francisco Valdean, Gabriele da Silva, Graciana Cunha de Lima, Gustavo Pablo Januario Vieira, Hélio Euclides, Izabel dos Santos Camargo, James Maré, Jefferson Melo, Jocilma Viana Veloso, José Almeida, Juliana Machado, Julie Oliveira, Kamila Camillo, Kamilla Valentin Silva, Karen Barros, Larissa Alves da Cunha Souza, Leonardo da Silva, Luana Rodrigues Ferro, Lucas Pereira Cajazeiras, Marcelo Wance Soares, Marcia Farias, Marcos Aprígio, Maria José Marcelino dos Santos, Maria Josilene, Marinete Soares, Matheus Siqueira Eusébio, Natália Fernandes dos Santos, Paulo Vitor Santos Bastos, Ricardo de Araújo Xavier, Roberta Maria de Carvalho Andrade, Rodrigo Alves, Romário Euzébio, Rosimar Machado da Silva, Sandra Solange Paiva dos Santos, Silvana Costa da Silva, Sonia Maria Santos do Nascimento, Suelem Carvalho de Castro, Tainá Gomes, Tamires Araújo, Thais Cavalcante da Silva, Vania Silva, Viviane de Araújo Costa, Viviane de Lima Barbosa.

SOBRE OS AUTORES

CATHERINE PASKELL

Dramaturga e diretora artística da companhia de teatro independente Dirty Protest Theatre no País de Gales. Dirigiu uma versão de *O Mercador de Veneza* de Shakespeare, em Português, para o Fórum Shakespeare de Belo Horizonte em 2016.

ELIANA SOUSA SILVA

Fundadora e diretora da Redes de Desenvolvimento da Maré; doutora honoris causa pela Queen Mary University of London e doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Na Universidade de São Paulo (USP), esteve como professora visitante no Instituto de Estudos Avançados (IEA), onde coordenou a Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciências, em 2018.

JULIANA FARIAS

Antropóloga, roteirista, doutora em Ciências Humanas (PPGSA/UFRJ) e autora do livro *Governo de Mortes: uma etnografia da gestão de populações de favelas no Rio de Janeiro* (Papéis Selvagens, 2020).

PAUL HERITAGE

Diretor Artístico da People's Palace Projects e Professor de Teatro e Artes Performáticas na Queen Mary University of London. Investigador Principal do projeto de pesquisa Construindo Pontes.

RAFAEL ROCHA

Compositor, cantor, produtor, baterista e ator brasileiro com 26 anos de carreira dedicados a diversos projetos, inúmeros artistas e já compôs mais de cem músicas.

RAQUEL TAMAIO

Pesquisadora em literatura, cultura e contemporaneidade, editora e colaboradora nas ações do Mão na Lata desde 2012.

TATIANA ALTBERG

Artista visual e realiza trabalhos colaborativos articulando a fotografia com múltiplos procedimentos de criação de narrativas. Em 2003, em parceria com a Redes da Maré, criou o projeto Mão na Lata, e desenvolve diferentes ações no território desde então.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(SC ASSESSORIA EDITORIAL, SP, BRASIL)

Coleção construindo pontes / autores Eliana Sousa Silva...[et al.];
organizadores Eliana Sousa Silva e Paul Heritage. -- Rio de
Janeiro : People's Palace Projects do Brasil, 2021.

4 v. (776 p.)

Vários autores

ISBN: 978-65-995601-0-1

1. Saúde mental 2. Violência urbana 3. Favela da Maré (Rio
de Janeiro, RJ) I. Silva, Eliana Sousa. II. Silva, Eliana Sousa,
org. III. Heritage, Paul, org. IV. Título.

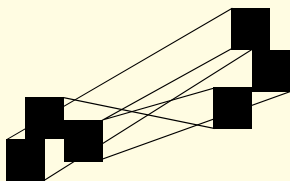
CDD-353.6

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Saúde mental 353.6

Sueli Costa - Bibliotecária - CRB-8/5213

Este livro foi composto em Freight Text, Freight Sans e Atrament,
impresso em papel pólen bold 90g/m², na gráfica Santa Marta.



CONSTRUINDO PONTES

REALIZAÇÃO



PARCEIROS



APOIO

